



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

ANAIS DOS COLÓQUIOS DO GRUPO DE PESQUISA RELIGIÃO E CULTURA – PPGCR PUC MINAS

Interdisciplinaridade em Ciências da Religião
VII Colóquio do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura
PUC Minas, 11 a 13 de novembro de 2019
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

REALIZAÇÃO:
Grupo de Pesquisa Religião e Cultura

APOIO:



AMANDA EUZÉBIO DE AGUIAR ALVES
CLAUDIA DANIELLE DE ANDRADE RITZ
FABIANO VICTOR CAMPOS
FLÁVIO LAGES RODRIGUES
FLÁVIO SENRA
TATIANE APARECIDA DE ALMEIDA
(Organizadores)

ANAIS DOS COLÓQUIOS DO GRUPO DE PESQUISA RELIGIÃO E CULTURA
– PPGCR PUC MINAS

Interdisciplinaridade em Ciências da Religião
VII Colóquio do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura
PUC Minas, 11 a 13 de novembro de 2019
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Edição Digital / Textos Completos

GRUPO DE PESQUISA RELIGIÃO E CULTURA
ISSN: 2447-7524
Belo Horizonte
2020

ANAIS DOS COLÓQUIOS DO GRUPO DE PESQUISA RELIGIÃO E CULTURA
– PPGCR PUC MINAS
ISSN: 2447-7524

Tema: Interdisciplinaridade em Ciências da Religião
VII Colóquio do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura
PUC Minas, 11 a 13 de novembro de 2019
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Os textos publicados são de responsabilidade de cada autor.

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Colóquio do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura PUC Minas (7. : 2019 : Belo Horizonte)
C719a Anais dos colóquios do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura - PPGCR PUC Minas: interdisciplinaridade em Ciências da Religião / organizadores Amanda Euzébio de Aguiar Alves ... [et al.]. Belo Horizonte: PUC Minas, 2020.
87 p.

ISSN: 2447-7524

1. Epistemologia da religião. 2. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 3. Religião e cultura. 4. Universidades e faculdades - Pesquisa. I. Alves, Amanda Euzébio de Aguiar. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 261.8

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

Publicação eletrônica:
Belo Horizonte, 2020

ORGANIZAÇÃO

Grupo de Pesquisa Religião e Cultura
Av. Dom José Gaspar, 500 – Coração Eucarístico
PUC Minas, Prédio 4 | sala 204-B
Belo Horizonte – MG | CEP 30.535-901
Fone: (31) 3319 4333

COMISSÕES:

Comissão Científica:

Amauri Ferreira (PUC Minas)
Dilaine Sampaio (UFPB)
Elisa Rodrigues (UFJF)
Emerson Silveira (UFJF)
Giseli do Prado Siqueira (PUC Minas)
Marcelo Camurça (UFJF)
Matheus Costa (PUC SP)

Comissão Organizadora:

Presidente:

Prof. Dr. Flávio Senra – PUC Minas
Prof. Dr. Fabiano Victor Campos – PUC Minas

Secretaria executiva:

Ma. Amanda Euzébio de Aguiar Alves
Ma. Cláudia Danielle de Andrade Ritz – PUC Minas
Me. Flávio Lages Rodrigues – PUC Minas
Ma. Tatiane Aparecida de Almeida – PUC Minas

REALIZAÇÃO:

Grupo de pesquisa Religião e Cultura – PPGCR PUC Minas

APOIO:

PUC Minas – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FAPEMIG- Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
---------------------------	-----------

GT-1 | Interdisciplinaridade em Ciências da Religião

REFLEXÕES METODOLÓGICAS: CONTRIBUIÇÕES DE CORNELIS PETRUS TIELE PARA A CIÊNCIA DA RELIGIÃO	10
Leandro Evangelista Silva Castro	

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E PEDAGÓGICAS DA INTERDISCIPLINARIDADE NA PERSPECTIVA DE IVANI CATARINA ARANTES FAZENDA E O SEU DESDOBRAMENTO NAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	17
Tatiane Aparecida de Almeida	

INTERDISCIPLINARIDADE EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE JOACHIM WACH.....	27
Amanda Euzébio de Aguiar Alves	

INTERDISCIPLINARIDADE EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E APONTAMENTOS METODOLÓGICOS DAS PESQUISAS REALIZADAS NO PPGCR DA PUC MINAS.....	34
Claudia Danielle de Andrade Ritz	

GT-2 | Práticas interdisciplinares

CIÊNCIAS DA RELIGIÃO UM CONVITE A INTERDISCIPLINARIDADE PARA A ANÁLISE DO FENÔMENO RELIGIOSO.....	46
Antonio Carlos Coelho	

CARTAS AO BOM JESUS DA LAPA: ASPECTOS CULTURAIS E RELIGIOSOS.....	56
Elvina Perpétua Ramos Almeida Isabel Cristina Alves da Silva Frade	

O ESPAÇO SAGRADO DA GRUTA DA LAPINHA, COMUNIDADE RURAL BAGRES EM SANTO ANTÔNIO DO ITAMBÉ, MINAS GERAIS.....	64
Iara Euzane de Oliveira Pereira Luiz Eduardo Panisset Travassos	

ENTRE CONTINUIDADES E RUPTURAS COM O(S) PENTECOSTALISMO(S): AS IGREJAS EVANGÉLICAS INDEPENDENTES DA FAVELA MORRO DO PAPAGAIO, MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE 71

Rafael Rodrigues de Castro

Vani Aparecida Guimarães

INTERDISCIPLINARIDADE EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO: POSSIBILIDADE PARA O ESTUDO DA SOCIABILIDADE DAS TRIBOS URBANAS *HEADBANGERS* EM BELO HORIZONTE..... 80

Flávio Lages Rodrigues

APRESENTAÇÃO

O VII Colóquio do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura teve como tema Interdisciplinaridade em Ciências da Religião. O evento foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas entre os dias 11 e 13 de novembro de 2019.

Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião/PPGCR da PUC Minas, o Grupo de Pesquisa Religião e Cultura foi criado em 2005 e tem por objetivo investigar as questões que emergem do caráter secular e plural das sociedades ocidentais contemporâneas. Este grupo dedica-se ao estudo do senso religioso em transformação, na perspectiva da crise cultural-religiosa no horizonte da contemporaneidade.

A presente edição dos Colóquios do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura dedicou-se ao estudo da questão da interdisciplinaridade. O evento encerra um ciclo de debates sobre a epistemologia da disciplina que, no Brasil, majoritariamente, é nomeada como Ciências da Religião. De modo geral, a opção pelo plural, que inclusive nomeia a área de Ciências da Religião e Teologia na CAPES, evoca um entendimento de que o estudo ao qual se dedica possui ou deve possuir um caráter interdisciplinar. Esta opção, não obstante, pode estar tomada por uma certa visão limitada ou até mesmo por alguma incompreensão, seja a respeito do que implica uma abordagem interdisciplinar no campo das ciências, seja a respeito de que a compreensão da disciplina Ciência da Religião, em seu surgimento e processo de consolidação, não excluía a contribuição de outras ciências para a tarefa que se proponha. O termo Ciências da Religião se soma a outras formas de nomear a pesquisa científica sobre a religião em diversas academias no Brasil e no exterior. Com a sua especificidade teórico-metodológica, sendo tal especificidade atinente ao seu caráter de pesquisa interdisciplinar, as Ciências da Religião devem manter atual e ativo o debate sobre os alicerces de sua reflexão epistemológica. Para atender a esta demanda, as três últimas edições dos Colóquios, considerada a necessidade de maior discussão sobre o tipo de ciência que se faz em nossa área, particularmente na disciplina Ciências da Religião, concentraram-se nos temas epistemologia, teoria da religião e, nesta edição, interdisciplinaridade.

O Grupo de Pesquisa se sente particularmente provocado a refletir sobre o perfil da pesquisa sobre religião que vem sendo realizado tanto a nível local, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, quanto a nível nacional e internacional. Ao longo dos últimos cinquenta anos, vêm se consolidando no país os estudos sobre religião sob essa disciplina surgida na Europa há mais de um século e meio. O que nos perguntamos é se esta construção está consciente das implicações em nomear tais estudos como vinculados à já consolidada disciplina Ciência da Religião em nível internacional.

Particularmente, quanto se pergunta pelos métodos de abordagem da disciplina e da adesão majoritária pelo plural Ciências da Religião, o tema da interdisciplinaridade se impõe. De modo geral, mesmo antes do surgimento dos debates sobre a interdisciplinaridade no campo das ciências, a nascente Ciência da Religião já se perguntava pelo método ou pelos métodos para o estudo científico da religião. Uma das tarefas implicava a distinção entre os demais estudos sobre religião e o que seria o próprio da investigação na nova disciplina. O debate não apenas implicava a distinção entre o horizonte teórico-metodológico da nova disciplina frente às abordagens filosóficas e teológicas, ainda que esse tenha sido objeto das mais significativas questões trabalhadas pelos primeiros responsáveis e fomentadores da disciplina. Considerou-se, efetivamente, a contribuição de outras ciências para o estudo da religião, tais como a filologia, a arqueologia ou a história, por exemplo.

Visando a compreensão do estatuto epistemológico da disciplina, esforços diversos e de distintos níveis marcam os últimos cinquenta anos da disciplina no Brasil. Contudo, para além das Ciências da Religião, outras disciplinas seguem realizando os seus estudos sobre religião, seguindo as suas metodologias, teorias e técnicas próprias. Durante o VII Colóquio do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura, esse caminho não apenas foi tematizado como também foi problematizado pelas diversas contribuições advindas de docentes, discentes, egressos da área de Ciências da Religião e Teologia e de áreas afins.

Prof. Flávio Senra

GT-1 | Interdisciplinaridade em Ciências da Religião

Mediadores:

Ma. Cláudia Danielle de Andrade Ritz – PUC Minas

Me. Flávio Lages Rodrigues – PUC Minas

Ementa: Trabalhos que apresentam, discutem ou problematizam o conceito de interdisciplinaridade ou correspondente na constituição da disciplina Ciência (s) da (s) Religião (s).

REFLEXÕES METODOLÓGICAS: CONTRIBUIÇÕES DE CORNELIS PETRUS TIELE PARA A CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Leandro Evangelista Silva Castro¹

RESUMO

A Ciência da Religião ainda carece de um profundo debate metodológico. Desde sua constituição, no final do século XIX, pesquisadores tem se dedicado a fundamentar a identidade da disciplina. Recorrentemente a questão metodológica tem se apresentado como um desafio para a disciplina. A partir das contribuições de Cornelis Petrus Tiele, considerado um dos principais teóricos da fundamentação epistemológica da ciência, verificam-se duas tendências: a interdisciplinaridade e a relação do método indutivo e dedutivo. O objetivo dessa comunicação é apresentar algumas considerações do autor no que tange ao objeto, método e a constituição interdisciplinar da Ciência da Religião. O método utilizado para a pesquisa se restringiu a pesquisa bibliográfica. O objeto de interesse da disciplina, segundo o autor, é compreendido como fenômeno histórico, psicológico e social. Fenômeno da mente humana, manifesto das mais variadas formas. A interdisciplinaridade é um constitutivo fundamental para a disciplina. A complexidade da religião requer a ciência em questão, solicitar resultados de outras disciplinas para aprofundar a compreensão e explicação de seu objeto. Os métodos indutivos e dedutivos se mostram inter-relacionados. As teorias só podem emergir dos particulares, ao passo que, as categorias gerais viabilizam a compreensão de fenômenos particulares.

Palavras-chave: Cornelis Petrus Tiele. Ciência da Religião. Interdisciplinaridade. Método Indutivo. Método Dedutivo.

INTRODUÇÃO

Cornelis Petrus Tiele apresenta em sua obra *Elementos da Ciência da Religião*, reflexões que sustentam a autonomia e disciplinaridade da Ciência da Religião. Para o autor a Ciência da Religião de sua época já gozava de uma “consciência plena de seus direitos”, em outros termos, a disciplina enquanto área autônoma entre as ciências humanas já carregava em seu bojo, um objeto e um método próprio que lhe garantia legitimidade. O objetivo desta

¹ Graduado em Filosofia, especializado em Ciências da Religião, Mestrando em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, bolsista CAPES, sob a orientação do prof. Dr. Flávio Senra. Proposta de comunicação apresentada para o VII Colóquio do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura.

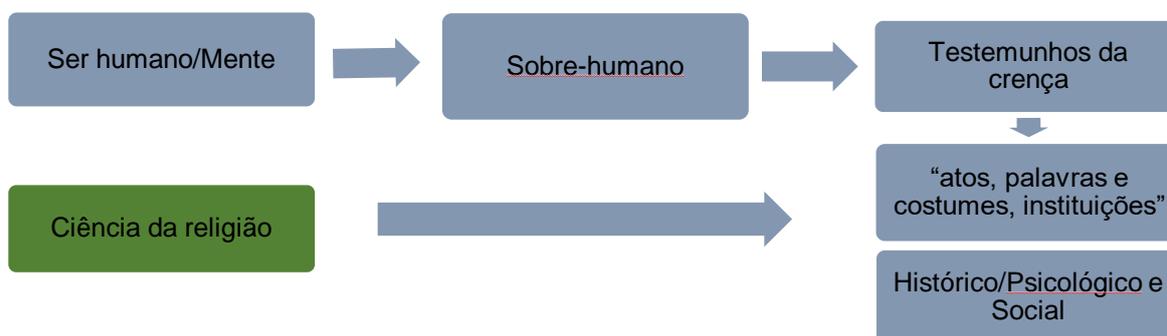
comunicação é investigar, na obra do autor, reflexões que permitem identificar um método próprio a Ciência da Religião. Nesse sentido, busca-se compreender de que forma o autor concebe o objeto da disciplina e em quais aspectos o método dedutivo e indutivo se interagem. Por fim, este estudo busca compreender a interdisciplinaridade como constituinte imprescindível ao trabalho do cientista da religião.

1. O objeto da Ciência da Religião

De acordo com Tiele (2018), a Ciência da religião enquanto disciplina acadêmica e autônoma tem como pressuposto básico não partir de um “ideal preconcebido de religião” (p. 218). Essa afirmação assegura o caráter empírico do mote próprio da disciplina. A Ciência da religião ao assumir um caráter científico “não significa que nós sabemos tudo sobre um assunto, mas simplesmente que nós investigamos para aprender algo sobre ele, de acordo com um método sólido e crítico.” (TIELE, 2018, p. 2019). Esse aspecto garante a validade e especificidade da disciplina. O autor reconhece a limitação do campo de investigação da ciência e propõe uma fundamentação epistemológica da abrangência e dos limites da abordagem. Sendo a religião, um objeto comum de muitas disciplinas, como Teologia e Filosofia, as reflexões propostas por Cornelis Petrus Tiele, evidenciam a constituição autônoma da Ciência da religião, as particularidades de sua abordagem e sua orientação metodológica.

A pesquisadora ou pesquisador em Ciência da Religião têm como tarefa analisar os fenômenos religiosos como “manifestações da mente humana em palavras, atos, costumes e instituições que testemunham a crença do homem no sobre-humano, e servem para conduzi-lo na relação com ele”. (TIELE, 2018, p. 2018). O cientista da religião se interessa por testemunhos da crença, ou seja, seu intuito é investigar os elementos que de alguma forma, traduzem empiricamente a relação dos crentes com o sobre-humano. Logo, ao se dedicar a análise desses testemunhos, a disciplina se volta ao mundo empírico, onde mulheres e homens produzem representações passíveis de análise científica. A concepção de objeto da disciplina proposta por Tiele pode ser verificada no seguinte esquema:

Figura 1: Objeto da Ciência da Religião



Fonte: Elaborado pelo autor

A partir da relação entre o ser humano e o sobre-humano são gerados testemunhos da crença. Partindo desse movimento, a Ciência da religião concebe seu objeto e sua tarefa: “o objetivo de nossa ciência não é o próprio sobre-humano, mas a religião baseada na crença do sobre humano; e a tarefa de investigar a religião como um fenômeno histórico-psicológico, social e totalmente humano sem dúvida, pertence ao domínio da ciência.” (TIELE, 2018, p. 219). Os testemunhos da crença devem ser compreendidos, a partir de três aspectos, a saber, o psicológico, o social e o histórico. No que se refere ao aspecto social a religião é entendida como produto de relações que emergem de uma sociedade. A religião, como fator social, é gerada no interior de um grupo, que a articula e se submete a ela. O viés psicológico evidencia a fonte dos fenômenos religiosos: a mente humana. De acordo com o autor, os movimentos psíquicos do ser humanos também são revelados em formas religiosas. E como fator histórico, assumindo a inevitável participação do homem na construção, modificação desses fenômenos.

As teorias produzidas pela disciplina emergem do mundo sensível. Sua proposta se direciona a “comparar as diferentes manifestações de vida e crença religiosa, e as diferentes comunidades religiosas, a fim de classificá-las de acordo com a etapa e direção de seu desenvolvimento.” (TIELE, 2018, p. 220). Nesse sentido, o método comparativo se torna essencial ao trabalho de análise da religião. Ao confrontar diferentes tradições, o pesquisador será capaz de identificar categorias que apontam o estágio no qual cada tradição se encontra, tornando possível uma classificação de diferentes manifestações

religiosas. O pesquisador assume “uma posição inteiramente objetiva em relação a todas as *formas* de religião, mas distingue-a cuidadosamente da religião própria religião. A religião se revela em cada uma dessas formas de modo mais ou menos imperfeito – e, portanto, ele estuda todas elas.” (TIELE, 2018, p. 220). Ao buscar identificar etapas e direcionamentos, o autor não pretende excluir ou considerar religiões como superiores, mas identificar categorias recorrentes que facilitem metodologicamente as pesquisas.

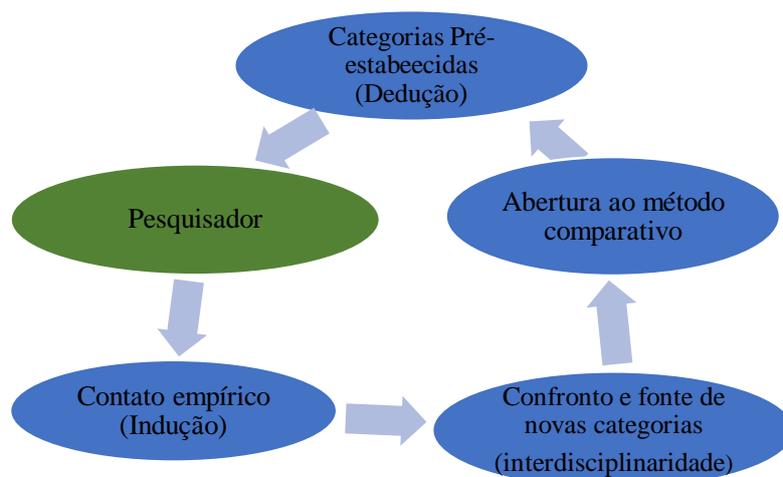
2. O método da Ciência da religião

O método próprio a Ciência da religião reflete as constituintes da disciplina. Se sua tarefa é explicar e compreender dados religiosos observáveis empiricamente, seu método deve contribuir para a emergência de dados e teorias. Uma discussão metodológica, no âmbito da Ciência da religião, deve favorecer uma visão articulada do seu objeto, levando em conta a emergência empírica de novas categorias e a contribuição de outras disciplinas que produzem conhecimento sobre os fenômenos religiosos.

A proposta de Cornelis Petrus Tiele articula o método dedutivo e indutivo, além da interdisciplinaridade e da comparação. O método dedutivo consiste em aplicar generalizações às particularidades. Já o método indutivo se dedica a partir das particularidades, gerar conceitos universais.

No caso da Ciência da religião, o método dedutivo oferece categorias gerais que conduzem o pesquisador até o objeto, contudo não se limita a essa análise. É o método indutivo que gera novas categorias e a partir dos dados empíricos, articula as teorias, levando em conta a contribuição de outras disciplinas. As teorias, geradas pelo contato com o terreno onde as tradições se desenvolvem, estabelecem um horizonte de conceitos que se abrem a comparação. Nesse sentido, “Nosso raciocínio dedutivo deve partir dos resultados obtidos pela indução, por meio de métodos empíricos, históricos e comparativos” (TIELE, 2018, p. 224). Essa relação de métodos pode ser verificada no seguinte esquema:

Figura 2: O método da Ciência da Religião



Fonte: Elaborado pelo autor

O método da Ciência da religião pode ser dividido pelos seguintes passos: a) Categorias pré-estabelecidas (dedução) possibilitam a aproximação do pesquisador ou pesquisadora ao seu objeto de interesse; b) O contato com as particularidades (indução) gera dados que confrontam as categorias iniciais. c) Os dados geram novas categorias e teorias sobre o fenômeno, servindo-se da interdisciplinaridade; d) as novas categorias se abrem a comparação, alargando o horizonte para novas pesquisas.

3. A interdisciplinaridade

Para Tiele, o princípio da interdisciplinaridade, no caso da Ciência da religião, se dá no sentido de que a disciplina “reconhece a independência dos ramos especiais que lhe proporcionam material para suas especulações, e também da teologia, cada um dentro de sua esfera respectiva, enquanto ela cria uma coroa, ou melhor, o centro ao qual todos convergem.” (TIELE, 2018, p. 222). Desse modo, o saber produzido pelos cientistas da religião, abre espaço ao diálogo e confronto entre diferentes disciplinas. Essa constituinte tem em vista a complexidade da religião. Por ser um fenômeno composto de várias faces, a disciplina recorre aos resultados de outras áreas do saber, para não reduzir sua análise, gerando um saber articulado que abrange os diversos aspectos que compõem o fato religioso.

A Ciência da Religião convoca outras disciplinas para contribuírem para seu conhecimento, contudo, não se confunde com elas. Desse modo, “a ciência da religião está longe de impor suas leis sobre os estudos preliminares, ou ditar-lhes a questão de suas pesquisas. Pelo contrário, reconhece plenamente sua liberdade de ação e simplesmente aguarda seus resultados.” (TIELE, 2018, p. 223). Cada disciplina opera do modo que lhe é próprio, o que interessa a Ciência da religião, são somente os seus resultados. Essa relação pode ser verificada no contato com a Teologia, Antropologia e História. Sobre a Teologia, de acordo com o autor, verifica-se que, enquanto a Ciência da religião “deseja saber o que é a religião e por que somos religiosos” (TIELE, 2018, p. 222). a Teologia tende a “estudar, explicar justificar e se possível, purificar, uma determinada forma de religião”. (TIELE, 2018, p. 222). O autor realça a disparidade entre os objetivos de cada disciplina. Não é tarefa da ciência da religião orientar uma tradição religiosa, seu ofício se limita a compreender o fenômeno. No caso da teologia lhe é próprio prescrever os caminhos que seus religiosos devem trilhar. No caso da História em Antropologia, Tiele chama atenção ao fato de que “sem os materiais fornecidos pela antropologia e a história, ela não podia fazer mais que erguer um edifício ilusório de simples hipóteses e fantasias [...]” (TIELE, 2018, p. 222). Nesse sentido, o trabalho interdisciplinar é um constitutivo essencial a disciplina, livrando-a de um estudo parcial da religião.

Considerações Finais

O que se pode concluir é que o objeto da ciência da religião, de acordo com Cornelis Petrus Tiele, se insere na esteira das criações da mente humana. Tendo em vista a variedade das manifestações da religião, o método da disciplina deve favorecer a emergência das particularidades da tradição. O método indutivo orienta a aproximação do pesquisador ao seu objeto, ao passo que, o método indutivo possibilita o reconhecimento da originalidade dos fenômenos. Partindo dos dados, obtidos através da análise dos particulares, a ciência se abre a interdisciplinaridade tendo em vista compreender e articular as múltiplas faces do fenômeno. O resultado desse processo é a criação de teorias e categorias que fornecem ao pesquisador material para análises comparativas. Consequentemente, essas categorias criam uma herança

intelectual da disciplina, servindo de suporte de interpretação para estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

TIELE, Cornelis Petrus. Concepção, objetivo e método na Ciência da Religião. **Rever**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 217-228, 2018.

TIELE, Cornelis Petrus. **Elements of the Science of Religion**. Part I: Morphological. Edinburgh; London: William Blackwood and sons, 1897. v. 1.

TIELE, Cornelis Petrus. **Elements of the Science of Religion**. Part II: Ontological. Edinburgh; London: William Blackwood and sons, 1898. v. 2.

TIELE, Cornelis Petrus. **Outlines of the history of religion to the spread of the universal religions**. 2. ed. London: Trübner, 1880.

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E PEDAGÓGICAS DA INTERDISCIPLINARIDADE NA PERSPECTIVA DE IVANI CATARINA ARANTES FAZENDA E O DESDOBRAMENTO NAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Tatiane Aparecida de Almeida¹

RESUMO

Essa comunicação tem como objetivo apresentar a partir de um estudo teórico as considerações históricas e pedagógicas da interdisciplinaridade à luz da perspectiva da pedagoga Ivani Catarina Arantes Fazenda. A autora juntamente com Hilton Japiassú foi responsável por introduzir, no Brasil, a partir de 1976, as concepções sobre interdisciplinaridade, decorrentes do Congresso de Nice, na França, em 1969. A interdisciplinaridade embora seja recente, pode-se datar o surgimento a partir dos anos de 1960, surge como uma importante precursora não somente da crítica da disciplinaridade, mas sim também como uma resposta aos limites do método disciplinar ambientado na ciência humana moderna. Nessa perspectiva, propomos em um primeiro momento, discutir a interdisciplinaridade em um viés histórico cuja abordagem situe o seu surgimento e desdobramento no contexto brasileiro. Ressaltando que a partir dos anos de 1970, vários foram os projetos educacionais e disciplinas que se intitularam interdisciplinares no Brasil, umas delas é as Ciências da Religião. Desse modo, no segundo momento, destacaremos a interdisciplinaridade no contexto da disciplina Ciências da Religião. Uma vez que, ao passo que a interdisciplinaridade se desenvolvia e se estabelecia na educação brasileira, ocorria também a implantação do primeiro curso em Ciências da Religião no Brasil, disciplina qual nos interessa nesse colóquio. Concluimos o texto com o entendimento de que a interdisciplinaridade trata-se de uma ação que não elimina as contribuições individuais da disciplina, mas que se integra a elas no processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Pedagógico. Ivani Fazenda. Ciências da Religião.

INTRODUÇÃO

No Brasil os estudos sobre Interdisciplinaridade foi liderado por Hilton Japiassú que em 1976 publicou o livro *Interdisciplinaridade e patologia do saber* cujo intuito era a promoção da reflexão sobre as concepções de interdisciplinaridade, decorrentes do Congresso de Nice, na França, em 1969.

Em seguida, no ano de 1978, Ivani Fazenda defendeu sua dissertação de mestrado na qual se dedicou pela primeira vez ao tema da Interdisciplinaridade com

¹ Doutoranda em Ciências da Religião, PUC Minas. Bolsista CAPES. E-mail: tatyanealmeida-10@hotmail.com

o título *Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro*. Desde então, a pedagoga segue seu trabalho nesse viés.

O fulcro temático da abordagem sobre a interdisciplinaridade realizada por Japiassú se refere à epistemologia enquanto que o de Fazenda trata da perspectiva pedagógica. Entretanto, os dois autores têm como base de suas teses a filosofia do sujeito. Que decorre de uma perspectiva vinculada à filosofia idealista, a qual evidencia a autonomia das ideias ou do sujeito pensante sobre os objetos.

Ademais nesse texto nosso recorte se regerá pela perspectiva pedagógica de tal modo a partir das contribuições de Ivani Catarina Arantes Fazenda.

Vale ressaltar que Ivani Catarina Arantes Fazenda é pedagoga e doutora em Antropologia pela USP, mestra em Filosofia da Educação pela PUC-SP, coordena o GEPI- grupo de estudos e pesquisa em interdisciplinaridade, filiado ao CNPq. Atualmente é professora titular do departamento de educação da PUC-SP e professora associada do CRIE (Centro de estudos e intervenção educativa) da Universidade de Sherbrooke- Canadá².

1. INTERDISCIPLINARIDADE NA PERSPECTIVA DE IVANI CATARINA ARANTES FAZENDA

A interdisciplinaridade embora seja recente, pode-se datar o surgimento desse método a partir dos anos de 1960. Surge como uma importante precursora não somente da crítica da disciplinaridade, mas sim também como uma resposta aos limites do método disciplinar ambientado na ciência humana moderna marcada pelos estudos filosóficos pela busca do sentido do ser. Ou seja, trata da reflexão, transposição e relação do conhecimento científico a vivência humana.

Em meio a essa busca, surge o que Fazenda (1994) denomina de movimento pedagógico. Tal movimento é concebido a partir de reivindicações progressistas de grupos ideológicos e políticos que lutavam por uma maior democratização da sociedade, que se assenta a favor da globalização e da interdisciplinaridade.

Um movimento importante de cunho pedagógico e também político segundo Fazenda (1994) está datado em meados de 1970 com o surgimento dos movimentos estudantis que nesse momento estavam reivindicando um novo estatuto para a universidade e para a escola da educação básica.

² Dados colhidos na Plataforma Lattes, no currículo da professora. Acesso em setembro de 2019.

Esse movimento segundo Fazenda (1994) se assenta na perspectiva de reivindicação, mas também de uma potente crise estudantil, pois ainda na década de setenta o método interdisciplinar tinha um sentido de unidade, ou seja, “a intenção desse projeto seria orientar as ciências humanas para a convergência de trabalhar a unidade humana”. (FAZENDA, p.19, 1994).

Para a autora, tal ideia trouxe o equívoco de que a mesma se propunha a acabar com as disciplinas em virtude de uma pseudo-integração. Enquanto que a realidade consistia em que a interdisciplinaridade deveria ser costurada na superação e articulação das fronteiras disciplinares. Isto é, a interdisciplinaridade não consiste na simplicidade de uma síntese de saberes específicos.

A exemplo disso, em 1961 o filósofo Georges Gusdorf apresentou à Unesco um projeto de pesquisa interdisciplinar para as ciências humanas. Na perspectiva desse trabalho, Gusdorf (2006) entendia que o método disciplinar compreende que o conhecimento se dá a partir de recortes sobre o objeto de estudo, o que denominou de “epistemologia da fragmentação”. Nesse contexto, as técnicas e saberes foram se diferenciando progressivamente caracterizando a fragmentação.

Face a isso, Gusdorf defendia a teoria da interdisciplinaridade a partir da categoria da totalidade e da integração posto que para o autor a própria ciência moderna direcionava a organização do conhecimento para a interdisciplinaridade.

Gusdorf (1977) afirmava que a integração do conhecimento e a humanização da ciência é a peça chave para se compreender a interdisciplinaridade. Ou seja, enquanto o método da disciplinaridade se assenta na compreensão da fragmentação do conhecimento, o método da interdisciplinaridade compreende o conhecimento como um todo.

Gusdorf (2006) defendia que o método interdisciplinar iria contribuir para o desenvolvimento das áreas do conhecimento, pois, segundo o autor, o que até então acontecia era o desenvolvimento de uma ou outra disciplina de modo particular. Logo, no entendimento do autor a unificação do conhecimento é uma exigência necessária à unificação do mundo. Daí então, o projeto de Gusdorf tinha por objetivo a diminuição da distância teórica entre as ciências humanas.

No entanto, somente em 1968 a ideia foi retomada e o estudo foi realizado e publicado por Mouton/Unesco em francês e Inglês, recebendo o nome de *Les sciences sociales- problèmes et orientations*. (As Ciências sociais- problemas e orientações) por um grupo de pesquisadores patrocinado pela Unesco.

Para Fazenda (1994) a ideia central de Gusdorf era reunir um grupo de cientistas de notório saber para executar um projeto de pesquisa cuja finalidade seria orientar as ciências humanas para a convergência de se trabalhar pela unidade humana. A reflexão também se balizava a partir da cooperação entre as disciplinas ambientadas nas ciências humanas bem como da influência que uma exerce sobre a outra, do ponto de vista filosófico, histórico e claro, político.

Desde então, Fazenda (1994) aponta que a década de 1970 pode ser lida como a época na qual a interdisciplinaridade passou pelo processo de estruturação conceitual básica. Nessa época foi posto e discutido vários problemas e orientações que ainda hoje são refletidas no ambiente acadêmico³.

Em 1971, instalou-se sob o patrocínio da OCDE, um comitê de experts, entre eles Guy Berger, Leo Apostel, Asa Briggs, Guy Michaud, com o propósito de redigir um documento que viesse contemplar os principais problemas do ensino e da pesquisa nas universidades. Essa tentativa convergiu para a organização de uma nova forma de conceber a universidade, na qual as barreiras entre disciplinas poderiam ser minimizadas; nela seriam estimuladas as atividades de pesquisa coletiva e inovação no ensino. (FAZENDA, 1994, p.21)

Ou seja, a conclusão desse documento apontava para a necessidade de que houvesse a exigência que o ensino universitário se caracterizasse de forma interdisciplinar. Creditou-se a esse projeto interdisciplinar que o mesmo asseguraria o desenvolvimento das pesquisas e a evolução das universidades.

No âmbito brasileiro, as universidades apostaram no modelo interdisciplinar em suas propostas pedagógicas de ensino. Porém, para Fazenda (1994) a implementação do modelo interdisciplinar trouxe consigo pontos negativos.

Isto se deve ao fato de que segundo a autora a discussão constitutiva da interdisciplinaridade, ambientada especialmente na França e na Itália, chegou ao Brasil com sérias distorções “próprias daqueles que se aventuraram ao novo sem reflexão, ao modismo sem medir as consequências do mesmo.” (FAZENDA, p.23, 1994).

³ Segundo Fazenda (1994) concomitantemente aos estudos desenvolvidos pela Unesco a partir das contribuições de Gusdorf, em Louvain no ano de 1967, pode se encontrar registros de um Colóquio cujo interesse era refletir sobre o estatuto epistemológico da Teologia. A pauta fazia menção a necessidade de se pesquisar as relações ente Igreja/mundo e a dificuldade identificada para o exercício da interdisciplinaridade nesse contexto.

A autora aponta que dois aspectos podem ser elencados como fundantes para os pontos negativos e ambos foram motivados pela distorção de sentido que acometeu a interdisciplinaridade no Brasil.

A primeira é o modismo, pois partindo desse aspecto a palavra interdisciplinaridade foi arrolada no vocabulário do campo da educação sem passar pelo processo de reflexão de seus princípios pedagógicos. Ou seja, “impensadamente tornou-se a *semente* e o *produto* das reformas educacionais empreendidas entre 1968 e 1971- nos três degraus de ensino.” (FAZENDA, p.24, 1994). Nesse sentido, Fazenda ressalva que em meados de 1970, quando iniciou os estudos sobre a interdisciplinaridade, deparou-se com um cenário um tanto quanto caótico. Isto porque segundo a autora, a falta de critério somado a falta de informação e formação havia se alastrado no cenário da educação brasileira de tal forma que a própria Legislação de Ensino vigente no país revelava o descaso conceitual que ali já estava instaurado. Especialmente, o sentido proveniente do projeto reformista da educação ambientado na década de 1970.

A alienação e o descompasso no trato das questões mais iniciais e primordiais da interdisciplinaridade provocaram não apenas o desinteresse, por parte dos educadores da época, em compreender a grandiosidade de uma proposta interdisciplinar, como contribuiu para o empobrecimento do conhecimento escolar. O barateamento das questões do conhecimento no projeto educacional brasileiro da década de 1970 conduziu a um esfacelamento da escola e das disciplinas. À pobreza teórica e conceitual agregaram-se outras tantas que somadas condenaram a educação a 20 anos de estagnação. (FAZENDA, p.26, 1994).

Nesse caso, o ideal era que o avanço teórico da interdisciplinaridade caminhasse em paralelo ao da construção e evolução da educação brasileira. Sobre isso, Japiassú (1976) apontou que a interdisciplinaridade tinha como condição de sucesso que o *profissional interdisciplinar* se ocupasse da formação e capacitação para executá-la, sendo necessária uma comunicação eficaz para o aprimoramento do que denominava de uma nova consciência.

O segundo aspecto refere-se ao avanço da discussão e reflexão da interdisciplinaridade nos estudos ambientados no Brasil na década de 1970.

Através da dedicação de autores como Fazenda e Japiassú foi possível concluir que a relevância do aspecto conceitual é fundamental na proposição de qualquer projeto autenticamente interdisciplinar. Isto é, estudar as relações e interrelações entre as ciências, aspecto este proposto inicialmente por Gusdorf a

nível europeu foi também enfatizado por nossos estudiosos brasileiros como crucial para o desenvolvimento do campo da metodologia interdisciplinar embora que a “interdisciplinaridade nos pareça hoje mais processo que produto.” (FAZENDA, p.25, 1994).

Tão logo, as colaborações teóricas e metodológicas a partir de outras disciplinas devem ser buscadas desde seu início, mas cientes de que não é possível que exista a interdisciplinaridade sem a peça chave que é a disciplinaridade.

Isto se deve ao fato de que a interdisciplinaridade não está associada à ideia de uniformidade e homogeneidade. Trata-se de uma ação que não elimina as contribuições individuais da disciplina, mas que se integra a elas, uma vez para Fazenda (1994) a interdisciplinaridade não é uma categoria do conhecimento, mas sim de ação.

Pode-se dizer que a interdisciplinaridade depende basicamente de uma atitude, traduzida entre o diálogo dos interessados e corresponsáveis pelo processo interdisciplinar. Uma atitude que se constrói na prática, na superação da dicotomia da teoria e da prática. No entanto, esse diálogo interdisciplinar deve ser realizado com e na presença das disciplinas.

Nesse sentido, as Ciências da Religião tem cumprido essa proposição. Uma vez que a produção do conhecimento científico em Ciências da Religião tem sido realizada por meio de experiências que privilegiam a contribuição de saberes, provenientes de diferentes áreas. As colaborações teóricas e metodológicas a partir de outras disciplinas são comuns na história das Ciências da Religião no Brasil e são provenientes de diversas áreas do conhecimento, por exemplo, vindas da história, sociologia, antropologia, psicologia, filosofia, etc⁴.

Nesse sentido, deste momento em diante, abordaremos a interdisciplinaridade no contexto da disciplina Ciências da Religião. Visto que enquanto o método da disciplinaridade se assenta na compreensão da fragmentação do conhecimento, o método da interdisciplinaridade compreende o conhecimento como um todo. E isso não está longe do que revela a própria compreensão das Ciências da Religião como disciplina de perfil interdisciplinar. Essa é como a sua própria identidade.

⁴ Esse dado pode ser observado tanto na constituição do corpo docente, quanto nos componentes curriculares apresentados nas propostas pedagógicas dos Programas de Pós-graduação em Ciência(s) da(s) Religião(ões) disponíveis na Plataforma Sucupira. Ver: Plataforma Sucupira. Relatórios de Dados Enviados do Coleta.

2. A disciplina Ciências da Religião: a reflexão da organização do saber interdisciplinar

As Ciências da Religião no Brasil desenvolvem estudos desde o ano de 1969 quando surgiu o primeiro curso de graduação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). As atividades acadêmicas no âmbito da pós-graduação tiveram seu início com a criação do Programa de Pós-graduação *stricto sensu* da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), em 1978, e, em seguida, pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), em 1979.

a proposta da (s) ciência (s) da religião como uma “nova” área acadêmica surge inicialmente da percepção, cada vez maior, de que o objeto “religião/religiões” pode ganhar muito em compreensão e esclarecimento científico (explicação) se for estudado de maneira autônoma e interdisciplinar, ou seja, por meio de um método talhado e/ou então de várias maneiras e por meio de vários métodos que tomem conhecimento um do outro. (DREHER, 2001, p.159).

Isto é, a disciplina acadêmica emerge no país e se ambienta na universidade em meio ao cenário de implementação do método interdisciplinar. Para Usarski (2006), em termos de disciplina pode-se entender que a Ciência da Religião⁵ é uma disciplina autônoma que deve ocupar um lugar institucional específico no mundo acadêmico. Ou seja, a Ciência da Religião como ciência integral das religiões como defende Usarski (2006) é um ponto de intersecção de várias subdisciplinas e matérias auxiliares. Sobretudo, é de suma importância compreender que não somente pela diversidade de subdisciplinas se caracteriza a interdisciplinaridade na disciplina Ciências da Religião.

Segundo Usarski (2006) as últimas três décadas do século XIX foram decisivas para a Ciência da Religião. Desde a compressão das Ciências da Religião como disciplina acadêmica até a sua institucionalização foi realizado um árduo trabalho que perpassa a criação de várias cátedras, criação dos programas nas universidades, criação dos periódicos e publicações. E já em sua base, situada na Alemanha, já se encontrava em registros a discussão sobre a sua multiplicidade metodológica, posto que para o filólogo Max Müller, autor considerado o “pai das Ciências da Religião”, e isto se deve ao fato de que segundo Usarski (2006, p. 23) “foi ele quem introduziu o termo Ciência da Religião no sentido de uma disciplina

⁵ A nomenclatura Ciência da Religião se refere ao uso pelo qual o autor Frank Usarski faz em suas obras.

própria”, apontava em seus escritos a existência da disciplina e a concebe no viés do estudo comparativo com os dados oferecidos por diversas disciplinas.

Porém, no cenário brasileiro, segundo Ferreira e Senra (2012) os pais fundadores das Ciências da Religião não pareciam cogitar o desenvolvimento de uma nova ciência. Em princípio, pareciam mais interessados em dispor em um mesmo programa de estudos a contribuição de disciplinas de distintas ciências interessadas em fundar um campo acadêmico de estudos sobre a relação religião e sociedade.

Nesse sentido, realçamos nossa crença que desde o momento em que a disciplina foi concebida no Brasil tratava-se de uma disciplina de perfil interdisciplinar. Ao passo que a interdisciplinaridade se desenvolvia e se estabelecia como condição de sucesso à educação brasileira, especialmente no currículo universitário da época, ainda que para Ferreira e Senra (2012) não é possível observar nas origens das Ciências da Religião no Brasil o objetivo claro em se estabelecer uma nova ciência.

No entanto, uma vez estabelecida à relação entre religião e sociedade no âmbito científico entendemos esse debate como fruto da ciência contemporânea.

Sobretudo por questões ideológicas e sociohistóricas a relação entre religião e contemporaneidade revela que de fato o método interdisciplinar considera os pressupostos presentes na sociedade para a propagação do conhecimento e assim proporcionar ao público elementos conceituais que os auxiliem na tomada de consciência promovendo o que Gusdorf denominou de relações interdisciplinares, que se trata uma exigência interna da ciência, de modo extracientífico.

Considerações Finais

Vimos que a interdisciplinaridade é entendida como um desafio para a produção da ciência no Brasil desde a sua concepção até os dias atuais o que muito se assemelha as Ciências da Religião do Brasil.

Os métodos da disciplinaridade e da interdisciplinaridade atravessam a história da ciência e pela lógica não se distanciam da história das Ciências da Religião. Ao se considerar o contexto de implantação da disciplina cujos projetos educacionais da época estavam direcionados para uma prática interdisciplinar a concepção da disciplina Ciências da Religião indica tal convergência tão logo que a interdisciplinaridade pode ser entendida como um caminho transversal ao do método disciplinar.

Não obstante, reconhecemos a emergência de se compreender que o estudo da religião carece de uma abordagem metodológica própria e distinta e entendemos que o que justifica as Ciências da Religião como disciplina autônoma passa pela sua compreensão e clareza do método. Se ele é posto como interdisciplinar deve-se tratar em suma da reflexão, caracterização e compreensão disciplinar em primeira instância, mas entendendo que o enfoque interdisciplinar pode mediar e colaborar nesse esforço de autocompreensão da pedagogia da disciplina.

REFERÊNCIAS

- DREHER, Luiz Henrique. Ciência(s) da religião: teoria e pós-graduação no Brasil. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). **A(s) ciência(s) da religião no Brasil**. Afirmção de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. São Paulo: Papyrus, 2002.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: qual o sentido? São Paulo: Paulus, 2003.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: um projeto em parceria. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1995.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org). **Didática e Interdisciplinaridade**. São Paulo: Papyrus, 1998.
- FERREIRA, Amauri Carlos; SENRA, Flávio. Tendência Interdisciplinar das Ciências da Religião no Brasil. O debate epistemológico em torno da interdisciplinaridade e o paralelo com a constituição da área no país. **Numen**, Juiz de Fora, v. 15, n.2, p. 249-269, dez 2012. Disponível em: Acesso em 13 out. 2016.
- GUSDORF, Georges. Passé, présent, avenir de la recherché interdisciplinaire. **Revue Internationale des Sciences Sociales**, v. 29, n. 4, p. 627-649, 1977.
- GUSDORF, Georges. Conhecimento interdisciplinar. In: Pombo, Olga (org). **Interdisciplinaridade Antologia**. 1 ed. Lisboa: Editora Campo das Letras, 2006.
- JAPIASSÚ, Hilton. **Como nasceu a ciência moderna e as razões da filosofia**. Rio de janeiro: Imago, 2006.
- JAPIASSÚ, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- JAPIASSÚ, Hilton. A atitude interdisciplinar no sistema de ensino. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n.108, p.83-94, 1992.

USARSKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião**: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.

USARSKI, Frank. **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.

USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Org.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2013.p.51-61.

USARSKI, Frank. Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. **Ciberteologia- Revista de Teologia e Cultura**. Ano X, n.47, p.139-150, 2014.

INTERDISCIPLINARIDADE EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO: uma análise a partir de Joachim Wach

*Amanda Euzébio de Aguiar Alves*¹

RESUMO

O conceito de interdisciplinaridade muitas vezes é utilizado erroneamente, nas diversas áreas do saber, através de uma metodologia que nada se aproxima do referido conceito. Fato que acarreta na incompreensão desse conceito por estudantes e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Em Ciência da Religião, essa dificuldade também se faz presente e representa um desafio para a compreensão da interdisciplinaridade, como elemento constituinte da nossa disciplina. A comunicação tem por objetivo fundamentar a interdisciplinaridade em Joachim Wach e refletir sobre os seus desafios em Ciência da Religião. O trabalho se dará através de uma abordagem de pesquisa bibliográfica. Como resultado geral, indica-se a necessidade de consolidar uma melhor compreensão do termo objeto desta comunicação; aponta-se ainda a necessidade de discutir a interdisciplinaridade fundamentando seu conceito por aportes teóricos da área e apontar possíveis caminhos para a compreensão da interdisciplinaridade em Ciência da Religião; demonstrar o perigo da Ciência da Religião se confundir com outra disciplina, perdendo assim sua identidade como área de conhecimento; a dificuldade enfrentada pelos pesquisadores e estudantes da área em compreender nosso objeto através da contribuição das diferentes disciplinas que também possuem a religião como objeto de estudo.

Palavras Chave: Interdisciplinaridade. Ciência da Religião. Joachim Wach.

INTRODUÇÃO

A Ciência da Religião nasce como uma disciplina autônoma, com caráter interdisciplinar, que tem como objeto de estudar o fenômeno religioso e o dinamismo da religião. Dessa forma, a Ciência da Religião deve articular os estudos das diversas áreas que tem como objeto a religião, de maneira não normativa. “O objetivo geral da ciência da religião é estudar sistematicamente e empiricamente as religiões de todos os tempos e lugares” (WACH, 2018, p. 233), buscando compreender não somente o aspecto histórico, mas principalmente o desenvolvimento das religiões.

¹ Mestranda em Ciências da Religião pelo PPGCR da PUC Minas, como bolsista da Capes, sob orientação do prof. Dr. Fabiano Victor Campos. Licenciada em Pedagogia com Aprofundamento em Ensino Religioso, pela PUC Minas em 2018. E-mail: alves.amandita@gmail.com

A interdisciplinaridade constitui elemento básico e constituinte de nossa disciplina, e seu objeto de estudo deve ser trabalhado de forma empírica e com múltiplas abordagens, levando-se em conta seu caráter *sui generis*, sua especificidade e peculiaridade, além de se tratar de um fenômeno social, portanto historicamente e culturalmente construído. Sua abordagem deve diferir dos demais estudos de religião, pois, cabe ao cientista da religião abordar o fenômeno religioso amparado pelas contribuições das diversas áreas que se debruçam sobre a religião, buscando-se elaborar uma síntese articulada entre essas áreas, como a filosofia, história, sociologia, antropologia, psicologia, entre outras.

Nesta perspectiva, faz-se importante compreender corretamente a interdisciplinaridade, buscando-se uma maior aproximação da concepção de Ciência da Religião, pelos autores que fundamentaram nossa disciplina no começo do século XIX. Com efeito, os debates em torno da compreensão de interdisciplinaridade representam ainda grande desafio para os estudantes e pesquisadores da área. E, em virtude do exposto não pretendemos resolver o problema neste artigo. Buscaremos fundamentar a interdisciplinaridade em Ciência da Religião à luz do pensamento de Joachim Wach, levando-se em conta a explicação do termo através de outras áreas do conhecimento. Visando assim consolidar uma melhor compreensão do termo e assegurando a identidade da Ciência da Religião como área de conhecimento.

Para alcançar nosso objetivo, a escolha do referencial teórico não é aleatória, discutir a Ciência da Religião através da ótica de um de seus principais fundadores, é essencial para a construção e desenvolvimento de uma disciplina sólida.

1 Interdisciplinaridade e os desafios de sua compreensão

Compreender a interdisciplinaridade ainda representa um desafio para as diferentes áreas do saber. Ela pode ser definida como a interligação entre atividades disciplinares e interdisciplinares, buscando a superação de um ensino ou a investigação fragmentada e simplificada, além da elaboração de sínteses embasadas pelo instrumentalismo e pela subjetividade.

Não se trata somente de justaposição, mas de comunicação. O interesse se dirige para os confins e as confrontações mútuas entre as disciplinas; trata-se de um conhecimento dos limites ou de um conhecimento nos limites, instituindo entre os diversos ocupantes do espaço mental um regime de

copropriedade, que fundamenta a possibilidade de um diálogo entre os interessados. (GUSDORF, 1995, p. 15).

Destarte, ela se consolida como uma contraposição ao ensino ou estudo de um objeto de forma fragmentada. Consiste no diálogo entre as diversas áreas do saber, para promover o conhecimento global de um determinado assunto. Recorrendo ao campo educacional, no qual a interdisciplinaridade é amplamente difundida, como método de ensino que supere a fragmentação da aprendizagem. Segundo Fazenda, a interdisciplinaridade consiste “num trabalho em comum tendo em vista a interação das disciplinas científicas, de seus conceitos e diretrizes, de suas metodologias, de seus procedimentos, de seus dados e da organização de seu ensino” (FAZENDA, 2011, p.34). Assim, a interdisciplinaridade contribui para uma prática contextualizada, possibilitando ao educando postura crítica ao interpretar as novas compreensões da realidade.

Em saúde a interdisciplinaridade é também consenso entre alguns pesquisadores, para uma atuação mais humanística dos profissionais.

É necessário, num projeto interdisciplinar, compreender e respeitar o modo de ser peculiar de cada um, respeitar, também, o caminho que cada indivíduo empreendeu na busca de sua autonomia; é necessário revelar a identidade, a marca teórica de cada um. É no ponto de confluência, e não na justaposição das diferentes identidades, contudo, que podemos captar a dimensão da interdisciplinaridade. A interdisciplinaridade é o princípio da máxima exploração das potencialidades de cada ciência, da compreensão de seus limites. É o princípio da diversidade e da criatividade, ressaltando que não buscamos a construção de uma unificação do saber, do real; porque o real é dinâmico, está em constante transformação e adaptação ao contexto em que está situado (GLADYS *et al.*, 2003, p. 69-70).

Assim, a atuação interdisciplinar é importante para a efetivação do trabalho em meio às relações no âmbito da saúde.

Em Ciência da Religião a interdisciplinaridade é constituinte de nossa disciplina, ela deve se beneficiar dos conhecimentos acerca da religião produzidos por outras áreas, para promover sínteses articuladas entre as diferentes áreas que tem como objeto a religião.

A nova área de conhecimento de Ciências da Religião e Teologia, considerando a relevância que o método interdisciplinar tem conquistado na epistemologia contemporânea, tende a assumir cada vez mais essa peculiar orientação metodológica para a investigação de seus objetos de pesquisa. A tendência é reunir a contribuição de diferentes ciências e se deixar enriquecer pela ampliação dos campos de abordagem sobre os objetos em investigação. Diante do exposto, a pesquisa para o fato religioso no Brasil se vê orientada por procedimentos que conduzem o pesquisador a fazer

inferências críticas, realizar demonstrações, construir sínteses e análises, bem como construir quadros compreensivos que utilizem arcabouços teórico-metodológicos de cunho científico em perspectiva interdisciplinar. Esse fazer científico procura compreender o fato religioso e exige situá-lo no espaço cultural. A Ciência da Religião estão circunscritas no mundo da cultura e demandam, nesse cenário, abordagens interdisciplinares (FERREIRA; SENRA, 2012, p. 264).

Nosso objeto de estudo, a religião, só pode ser compreendida em seus caracteres religiosos, considerando sua especificidade. Dessa forma, nosso objeto de estudos deve ser trabalhado através de múltiplas abordagens, diferindo dos demais estudos sobre religião, pois deve articulá-los e produzir novas sínteses. Portanto, a interdisciplinaridade em Ciência da Religião garante a identidade e autonomia de cada uma de suas subdisciplinas que contribuem para os estudos da área.

2 A interdisciplinaridade analisada à luz de Joachim Wach

Joachim Wach defende que os estudos comparados da religião devem salvaguardar as singularidades e peculiaridades de cada tradição religiosa, para ele as diferentes religiões devem ser tratadas como “única e inigualável e deve ser entendida em seus próprios termos” (WACH, 2018, p. 239). Para o referido autor, os estudos da religião devem compreender a experiência religiosa em todas as suas implicações, através de uma plena visão do que pode significar a experiência religiosa, as formas que ela pode assumir e do que representa para o homem. O pesquisador deve olhar para o objeto de pesquisa respeitando suas diferenças e peculiaridades e considerar as contribuições de outras áreas que também tem a religião como objeto de estudo. Permitindo assim, uma melhor compreensão da experiência religiosa, suas formas de expressão e como pode impactar na vida do homem.

Wach preconiza os estudos de religião através de duas abordagens que orientam o fazer científico da disciplina: a empírica e a sistemática. A empírica se dedica a investigar fenômenos religiosos a partir de uma análise empírica, ao passo que, a sistemática gera teorias, a partir dos dados recolhidos. Para ele, nos estudos comparados da religião, ao se confrontar as tradições, uma não deve excluir a autonomia da outra, nem tampouco essas comparações devem ser feitas com o intuito de estabelecer categorias valorativas, para enaltecer uma religião em detrimento de outra.

Compreender uma religião em seus próprios caracteres, não exclui o entendimento que existem pontos de interseção entre as diferentes tradições religiosas, dessa forma “o cientista da religião não pode se limitar a estudar empiricamente as formas, nem se limitar aos pontos de vista. Ele deve ver os dois juntos: a mudança no significado e as mudanças de formas.” (WACH, 2008, p. 240). Segundo Wach, todo fenômeno religioso está intrinsecamente relacionado ao contexto social no qual está inserido, exigindo que o objeto seja analisado através do olhar e da contribuição de diferentes disciplinas. Em virtude dessa complexidade, que implica uma análise de suas várias faces, a pesquisa em Ciência da Religião deve levar em conta o contexto, as influências e analisar seu objeto a partir da articulação entre as diferentes áreas que se debruçam sobre os estudos da religião.

No que tange as contribuições de outras disciplinas sobre nosso objeto de estudo, o autor elenca exemplos de como esta relação se estabelece. Na sociologia, por exemplo, os estudos relativos à interferência da religião nas sociedades, são frequentemente objeto de pesquisas. De fato, os estudos sociológicos oferecem elementos fundamentais ao cientista da religião. Ele busca explicar os fenômenos sociais através da religião. Seu interesse, portanto, não está na religião, mas em suas causas. Já a Ciência da religião se ocupa unicamente de compreender a própria religião. Por esse motivo, não tende a normatividade, logo, não orienta como uma religião deve proceder na sociedade. “Não nos interessam as questões teóricas sobre religião e estado ou sobre religião e sociedade. [...] Os cientistas da religião devem investigar as interações recíprocas entre várias forças.” (WACH, 2018, p. 249). Dessa forma, o fator sociológico para a Ciência da Religião, se apresenta somente como uma das várias faces do fenômeno. Essa contribuição para a nossa disciplina, pode ser verificada também através de outras áreas do saber como: história, filosofia, psicologia, geografia, antropologia, entre outras.

A interdisciplinaridade, mesmo não existindo na época da constituição de nossa área, nem mesmo representando uma preocupação para Joachim Wach, é parte constituinte da Ciência da Religião e está presente no pensamento de Wach, quando o autor salienta a relevância da contribuição de outras áreas do saber, para a nossa disciplina. Nesse sentido, é importante ressaltar que subdisciplinas que se dedicam aos estudos sobre religião estão ligadas à Ciência da Religião pelo seu objeto e, em diálogo com outras subdisciplinas contribuem para a formação de novas sínteses articuladas em Ciência da Religião.

Considerações Finais

A Ciência da Religião se interessa por fenômenos específicos, o que significa dizer que são neles que emergem a autonomia e a identidade da disciplina, frente às outras disciplinas que também tem a religião, como objeto de estudo. A interdisciplinaridade é um recurso constitutivo de nossa disciplina, que impede que a diversidade e complexidade do objeto de estudo, o fenômeno religioso, seja de alguma forma suprimida. As contribuições das subdisciplinas possibilitam ao cientista da religião uma compreensão aprofundada do objeto, cabe ao cientista da religião elaborar através da colaboração dessas subdisciplinas, novas sínteses articuladas em torno de nosso objeto. Dessa forma, a interdisciplinaridade como constituinte de nossa disciplina, nos diferencia e fortalece nossa disciplina como importante área do saber, pois a Ciência da Religião não é uma junção de saberes sobre religião, ela nos norteia para o entendimento do fenômeno religioso, em sua totalidade e levando em conta a complexidade do objeto. Dessa forma, é necessário o olhar de outras áreas do conhecimento para a nossa disciplina, o que não significa reduzir a Ciência da Religião a uma dessas áreas do conhecimento. A Ciência da Religião organiza e trata com equidade os diferentes saberes sobre a religião, garantido assim a autonomia de nossa área das demais.

REFERÊNCIAS

FAZENDA, Ivani (Org). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez Editora, 2008.

FAZENDA, Ivani. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro:** efetividade ou ideologia. 6 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

FERREIRA, Amauri Carlos; SENRA, Flávio. Tendência interdisciplinar da Ciência da Religião no Brasil: o debate epistemológico em torno da interdisciplinaridade e o paralelo com a constituição da área no país. **Numen**, v. 15, n. 2, 2012, p. 249-269.

GLADYS, Amelia Velez Benito *et al.* Interdisciplinaridade e trabalho com famílias; repensando a prática em saúde. **Revista Fam.** v. 5, n. 1, p. 66-72, jan./abr. 2003.

GUSDORF, G. Passado, presente, futuro da pesquisa interdisciplinar. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 121, p. 7-27, abr/jun.1995.

WACH, Joachim Ernst Adolphe Felix. Os ramos da Ciência da Religião. **Rever**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 233-253, maio/ago. 2018.

WACH, Joachim. **El estudio comparado de la religiones**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1967.

WACH, Joachim. **Essays in the History of Religions**. Edited by Joseph M. Kitagawa and Gregory D. Alles. New York: Macmillan Press, 1988.

WACH, Joachim. **Introduction to the History of Religions**. Edited by Joseph M. Kitagawa and Gregory D. Alles. London: Macmillan Publishers, 1988.

WACH, Joachim. **Sociologia da Religião**. São Paulo: Paulinas, 1990.

WACH, Joachim. **The Comparative Study of Religions**. Columbia: Columbia University Press, 1969.

INTERDISCIPLINARIDADE EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E APONTAMENTOS METODOLÓGICOS DAS PESQUISAS REALIZADAS NO PPGCR DA PUC MINAS

Claudia Danielle de Andrade Ritz¹

RESUMO

Essa comunicação tem por objetivo a reflexão sobre a interdisciplinaridade na Ciências da Religião. A partir desses preceitos epistemológicos, faremos apontamentos metodológicos nas pesquisas realizadas no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas (PPGCR). Para tanto, abordaremos: 1) A Ciências da Religião e a interdisciplinaridade; 2) Pesquisas, métodos e metodologia em Ciências da Religião e 3) Metodologias utilizadas nas teses e dissertações defendidas no PPGCR entre jan./2017 e maio/2019. A metodologia utilizada foi bibliografia e pesquisa à biblioteca de Teses e Dissertações do PPGCR PUC Minas. Concluímos pela necessidade de reflexões aprofundadas acerca da interdisciplinaridade e das metodologias utilizadas na Ciências da Religião, como parte do processo de maturidade epistemológica dessa disciplina.

Palavras-chave: Ciências da Religião. Interdisciplinaridade. Metodologia. PPGCR PUC Minas

INTRODUÇÃO

Essa comunicação refletirá sobre a interdisciplinaridade em Ciências da Religião e sobre as Metodologias utilizada nas pesquisas defendidas entre janeiro de 2017 e maio de 2019 no PPGCR da PUC Minas. Apresentamos esse estudo com apontamentos sobre as pesquisas realizadas nesse PPGCR PUC Minas.

1. A Ciência da Religião: uma disciplina em interdisciplinaridade

A teologia existe porque Deus existe, a ciência da religião existe porque as religiões existem. Frank Usarski (2019)

¹ Doutoranda em Ciências da Religião no PPGCR da PUC Minas, como bolsista FAPEMIG, sob orientação do Prof. Dr. Flávio Senra. Mestra em Ciências da Religião no PPGCR da PUC Minas 2018, como bolsista CAPES, sob orientação do Prof. Dr. Flávio Senra. Bacharel em Direito pela PUC Minas 2008. Especialista em Direito do Trabalho pela UCAM RJ em 2009. Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Izabela Hendrix 2018. Membro do grupo de pesquisa Religião e Cultura do PPGCR da PUC Mina desde 2016. E-mail: claudiaritz7@gmail.com

Fabiano V. Oliveira Campos (2018, p. 47) explica que o início da Ciência da Religião remonta ao “fim do século XVII e ao início do século XVIII, em meio à afirmação do deísmo e do iluminismo. Não obstante, a institucionalização ocorreu apenas no século XIX, em 1873 na Suíça e posteriormente alcançou outras fronteiras como Holanda, França, Bélgica e Alemanha”, (PYE, 2017, p. 26). Temos como fundador da Ciência da Religião (1870), Friedrich Max Müller (1823-1900). Além disso, Cornelis Petrus Tiele (1830-1902), Pierre Daniel Chantepie de la Saussaye (1848-1920) e Joachim Ernst Adolphe Felix Wach (1898 -1955) formam o que denomino quadrilátero da estrutura epistemológica das Ciências das Religião. Isso porque, foi a partir dos fundamentos epistemológicos desses autores, que a Ciência da Religião se erigiu como disciplina em diversos países. Abaixo um quadro com conceitos que destacamos dos referidos autores.

Quadro 1 – Teóricos basilares da epistemologia da Ciência da Religião

Ano / pagina	Autor	Síntese
(1872, p. 19)	Friedrich Max Müller	“A Ciência da Religião pode ser a última das ciências que o homem está destinado a elaborar; mas, quando elaborada, mudará o aspecto do mundo e dará uma nova vida ao próprio cristianismo.”
(1896, p. 05)	Cornelis Petrus Tiele	“O objetivo de nossa ciência não é o sobre-humano, mas a religião baseada na crença no sobre-humano; e a tarefa de investigar a religião como um fenômeno histórico-psicológico social e totalmente humano, indubitavelmente, pertence ao domínio da ciência.”
(1904, p. 14)	Pierre Daniel Chantepie de la Saussaye	“O objetivo da Ciência da Religião é o estudo da essência e das manifestações da religião.”
[1924] (2018, p. 40)	Joachim Ernst Adolphe Felix Wach	“A tarefa mais importante do estudo empírico das religiões deve continuar sendo entender o ‘tornar-se’ das religiões particulares, entender seu desenvolvimento como o desdobramento dos princípios a elas inerentes.” ²

Fonte: Elaborada pela autora a partir do levantamento realizado por Maurilio Ribeiro.³

Considerando a Ciências da Religião como disciplina, importante notarmos que a interdisciplinaridade pressupõe a estrutura disciplinar das ciências cujos conhecimentos são postos em diálogos (CAMPOS, 2019)⁴. Segundo Tiele (1899, p. 219), a Ciência da Religião incorpora diferentes “disciplinas preparatórias”, o que não significa dizer agrupamento de saberes. Para tanto, necessário conhecer as

² Tradução de Fábio Stern (2018, p. 240).

³ Apresentação conceitual sintetizada dos autores no grupo de pesquisa Religião e Contemporaneidade em 2019.

⁴ VII Colóquio 2019.

partes dessa disciplina, para melhor compreender o todo, como pondera Hilton Japiassu (2016, p. 4). Por conseguinte, Georges Gusdorf (1976, p. 26) dirá que “a exigência da interdisciplinaridade impõe a cada especialista que transcende a sua própria especialidade, tomando consciência de seus próprios limites para acolher as contribuições das outras disciplinas.” Essa premissa exige estudo e dedicação do pesquisador cientista da religião, para que possa avançar no conhecimento de teorias e métodos das disciplinares que contribuem para o estudo do fenômeno religioso. Ao tratar especificamente da Ciências da Religião e a interdisciplinaridade, Amauri Carlos Ferreira e Flávio Senra (2012, p. 262), consideram: “a interdisciplinaridade como virtuosa, a qual pressupõe diálogo, interface, e, não necessariamente subordinação.” Logo, nossa proposta de interdisciplinaridade desses autores pressupõe a prática dialogal de saberes que inclui teorias, métodos e indivíduos, sem pressupor submissão disciplinar ou perda da identidade epistemológica, mas complementariedade com outras disciplinas facilitadoras na pesquisa do fenômeno religioso.

Quanto ao objeto da Ciências da Religião, Tiele (1899) nos fornece uma diretriz que consideramos balizadora para a tarefa de pesquisar e produzir ciência.

O objeto da nossa ciência não é o supra-humano em si, mas a religião que se baseia na fé no supra-humano. E essa religião deve ser investigada como um fenômeno histórico-psicológico e sociológico, ou seja, como algo puramente humano. (TIELE, 1899, p. 4).

Na empreitada científica que denominamos de pesquisa, Senra e Usarski (2019)⁵ alertam que ao cientista da religião é necessário zelo na pesquisa, afinal a Ciências da Religião não é disciplina normativa e não podemos cair na armadilha de normatizar acerca do fenômeno e da experiência religiosa, sob pena de redução e infração da epistemologia própria dessa disciplina. Acerca do parâmetro epistemológico da Ciências da Religião no Brasil, de 1870 até 1970 quando a

⁵ II Colóquio Repludi de 24 a 24 de outubro de 2019.

emerge como disciplina no país, e mais, até a autonomia em 2016⁶, cerca de dois séculos se passaram. Isso sugere que, em nosso processo de maturação epistemológica, é requisito intrínseco a observância dos preceitos trazidos pelos fundadores Müller, Tiele, Chantepie de la Saussaye e Wach, muito embora reconheçamos que o percurso da disciplina no Brasil tenha suas particularidades históricas.

A autônoma área de Avaliação em *Ciências da Religião e Teologia*⁷ e suas subáreas, formam a árvore do conhecimento⁸. Cumpre citar que, nas pesquisas analisadas na biblioteca de dissertações e teses do PPGCR PUC Minas, não identificamos esse dado designado no texto, o que consideramos oportuno para práticas futuras. Quanto ao objeto de estudo, Campos (2018), explica que ficou a cargo das Ciências Humanas e ainda permanece⁹.

Não obstante, a escolha adequada e consistente da metodologia empregada será fundamental para o alcance do objetivo da pesquisa via marco teórico e análise dos dados. Ou seja, um diálogo entre métodos e teoria, zelando pelo escopo epistemológico da nossa disciplina Ciências da Religião, mas em diálogo interdisciplinar.

2. Pesquisa e percurso metodológico

A disciplina do Ciência da Religião exige um agrupamento de métodos. Isso não significa que a Ciência da Religião exija um método especial, que seja único. Pye (2017, p. 164

⁶ A área de Avaliação em Ciências da Religião e Teologia surgiu com a Portaria CAPES 174/2016, publicada no Diário Oficial da União - DOU de 13 de outubro de 2016, redesignada pela Resolução nº 01, de 04 de abril de 2017, publicada no Boletim de Serviço/CAPES – Edição Especial nº 1 - abril 2017. A ciências da religião conta com 46 anos de existência, desde a criação do mais antigo Programa da Área, os Programas da atual área de Ciências da Religião e Teologia compunham, até outubro de 2016, a extinta área Filosofia/Teologia: subcomissão Teologia. A Área desenvolve investigações que se orientam por abordagem de perfil multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar e abrange cursos de Mestrado Acadêmico, Doutorado e Mestrado Profissional. (SENRA, 2018, p. 527).

⁷ A área de Avaliação em Ciências da Religião e Teologia surgiu com a Portaria CAPES 174/2016, publicada no Diário Oficial da União - DOU de 13 de outubro de 2016, redesignada pela Resolução nº 01, de 04 de abril de 2017, publicada no Boletim de Serviço/CAPES – Edição Especial nº 1 - abril 2017. (SENRA, 2018, p. 526). O marco de autonomia, contou com um árduo processo histórico e a coordenação de área da CAPES juntamente com a ANPETECRE demonstraram engajamento e representação nesse processo de consolidação.

⁸ Teologia: Teologia Fundamental-Sistemática; História das Teologias e Religiões; Teologia Prática; Tradições e Escrituras Sagradas. Ciências da Religião: Epistemologia da Ciências da Religião; Ciências Empíricas da Religião; Ciência da Religião Aplicada; Ciências da Linguagem Religiosa.

⁹ Não obstante, na matriz curricular brasileira para o ensino básico, não esteja vinculada às ciências humanas, como pondera Giseli do Prado Siqueira (2019).

2.1 Pesquisa:

Antônio Carlos Gil (2002, p. 2) dirá que toda pesquisa¹⁰ “exigirá um critério que deve considerar os objetivos almejados.” Não podemos inferir que haja classificação de pesquisa mais ou menos importante, ou mais ou menos útil, há tão somente a mais adequada ao estudo proposto, especialmente no que se refere ao problema, hipótese e objetivos. Da mesma maneira, a relevância da pesquisa, deverá ser observada como pontua Steven Engler (2019), “a partir da demanda social.” Se não há demanda social, se o mesmo recorte já foi pesquisado e esmiuçado, ou se o tema caducou pelo contexto sociopolítico ou cultural vivido, talvez seja necessário criticamente refletir sobre a pertinência da pesquisa.

Nas pesquisas analisadas na biblioteca de dissertações e teses do PPGCR PUC Minas, a maioria das pesquisas não identifica no texto o tipo classificatório da pesquisa: exploratória¹¹, descrita ou explicativa. Esse é um dado importante a ser observado nas pesquisas futuras.

2.2 Métodos e Metodologia:

Steven Engler e Michael Stausberg (2011, p. 17), aduzem “engana-se quem considera método e metodologia como sinônimos”. Esclarecendo tal afirmativa, Engler (2019)¹² explica: “métodos são técnicas de: a) coleta de dados e b) análise de dados, e, portanto, geração de conceitos/teorias. Metodologia é o discurso teórico sobre os métodos.” Quando essa temática é direcionada especificamente à Ciências da Religião, há escassez de material bibliográfico e frequentemente os manuais de outras ciências são utilizados como aporte teórico metodológico.

Corroborando, Engler e Stausberg (2011), endossam: ‘há escassez de obras que focam no assunto direcionado a Ciências da Religião, quer seja no Brasil, como também no exterior [...] e apontam como uma das razões para essa escassez, a natureza pluri-metodológica das Ciências da Religião.’ Destarte, essa temática precisa ser melhor explorada, estudada e referenciada na Ciências da Religião, sobretudo na perspectiva da interdisciplinaridade. Afinal, Pye (2017, p. 162) nos

¹⁰ Gil (2002) diz que é possível classificar as pesquisas em três grandes grupos: exploratória, descritiva e explicativa.

¹¹ As dissertações de Flavio Lages Rodrigues (2018) e Claudia Danielle de Andrade Ritz (2018) são exemplos de pesquisas que designam essa classificação no texto.

¹² E-mail enviado a essa autora e datado de 21/10/19.

ensina que “a reflexão de uma disciplina sobre seus métodos é parte normal de um empreendimento acadêmico, e isso se aplica à[s] Ciência[s] da Religião¹³.”

Ademais, vários autores de metodologia já admitem a convivência e até a combinação de métodos científicos diferentes, dependendo do objeto de investigação e do tipo de pesquisa. Essa é uma premissa identificada em pesquisas realizadas em nosso PPGCR PUC Minas, como veremos no tópico seguinte. Significa dizer que os métodos disponíveis podem ser agrupados de maneira apropriada ao objeto, mas nunca presumindo que conseguirão abranger todo o fenômeno estudado. Afinal, “as perspectivas serão sempre limitadas, por selecionarem certos dados” (ENGLER, STAUSBERG, p. 17). Partindo dessa constatação e com foco no PPGCR da PUC Minas, apontaremos as metodologias designadas nas Dissertações e Teses defendidas entre janeiro de 2017 a maio de 2019.

3. As metodologias designadas nas teses e dissertações defendidas no PPGCR PUC Minas entre janeiro de 2017 a maio de 2019

Uma perspectiva metodológica estável corresponde a uma visão estável do campo, quer dizer: 1) a relação entre o objeto e o método; 2) a relação entre fontes¹⁴ e métodos e 3) formação da teoria. Pye (2017, p. 163-169).

Não faremos um estudo aprofundado e sistematizado sobre as metodologias utilizadas, por isso, não podemos arvorar nomear o levantamento de *Religiografia*¹⁵. Todavia, faremos alguns apontamentos das metodologias designadas nas pesquisas pelos/as pesquisadores/as sem, contudo, aferir a pertinência ou adequação do método e metodologia empreendidos.

No período de janeiro de 2017 a maio de 2019, tivemos 36 dissertações e 2 teses¹⁶ defendidas, conforme consta nos sistema PUC Minas em abril de 2019. Ao que parece, embora não designado nominalmente em algumas pesquisas, notamos

¹³ *Religionswissenschaft*.

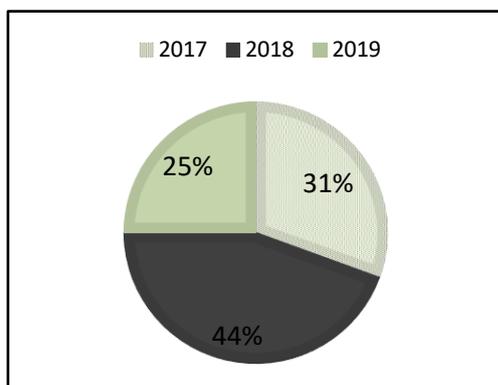
¹⁴ Pye (2017, p. 168) “As fontes não são a mesma coisa que o objeto. O objeto é um combinado complexo de informações socioculturais para o qual as fontes fornecem evidência.”

¹⁵ O termo religiografia deve designar o tipo de investigação que se concentra na sistematização e análise da produção realizada por autores/as do campo de estudos da religião, bem como sobre o perfil da produção ou o estado da arte em algum tema no campo dos estudos da religião. (SENA, 2016, p. 115).

¹⁶ As duas teses foram em 2019 na Linha Religião, Política e Educação.

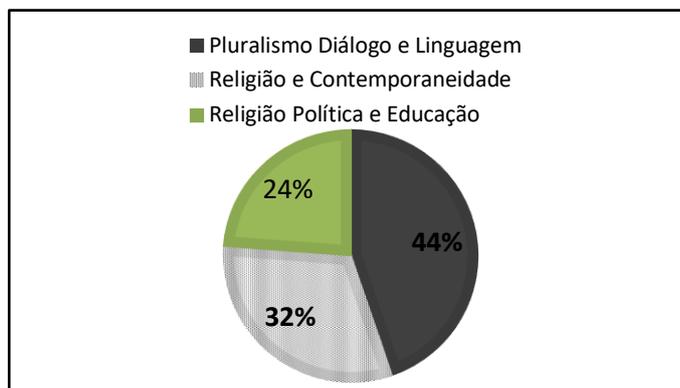
a prevalência do método qualitativo¹⁷. Nos gráficos a seguir inventariamos as teses e dissertações considerando 2017, 2018 e 2019 e as linhas de pesquisa

**Gráfico 1 – Teses e Dissertações
2017 a 2019**



Fonte: Elaborado pela autora a partir da Biblioteca dados 2019 PUC Minas

Gráfico 2 – Linhas de Pesquisas



Fonte: Elaborado pela autora a partir da Biblioteca dados 2019 PUC

Em relação a essas teses e dissertações, a síntese metodológica identificada está quantificada na tabela abaixo, cujo destaque é para pesquisas bibliográfica, sendo 50% das Teses exclusivamente bibliográfica e 61% das dissertações.

Tabela 1 – Síntese metodológica identificada PPGCR PUC Minas

Teses	Dissertações
2 [100%] bibliográficas. 50%: exclusivamente bibliografia 50%: bibliografia + <i>pesquisa de campo</i> [entrevistas com questionário semiestruturado. Aos dados do questionário foi aplicada a <i>análise de conteúdo</i> .]	100% bibliográficas ¹⁸ . 61% exclusivamente bibliográfica ¹⁹ 39% bibliográfica + outro método.

Fonte: PPGCR 2019 elaborado pela autora

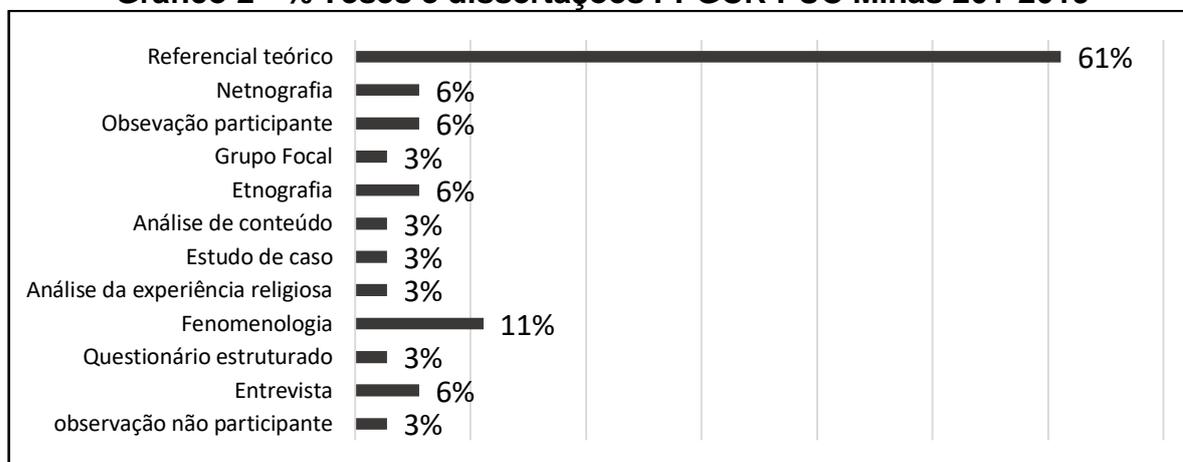
¹⁷ Engler e Stausberg (2011) métodos quantitativos focam mais na precisão, nos números e em perguntas fechadas, enquanto os qualitativos se direcionam mais para as significações que os indivíduos dão aos fenômenos humanos ou sociais, por exemplo.

¹⁸ Muito embora nem todas citem expressamente, pelo observado, inferimos que 100% tenha sido pelo conteúdo. Gil (2002) explica que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

¹⁹ Acerca do uso da pesquisa bibliográfica, algumas dissertações citam conjuntamente “método histórico comparativo, análise bibliográfica utilizando fenomenologia hermenêutica, etc.”

O desdobramento da síntese metodológica correspondente a 39% “outro método” das dissertações poderá ser verificado no gráfico a seguir²⁰.

Gráfico 2 - % Teses e dissertações PPGCR PUC Minas 201-2019



Fonte: Biblioteca PPGCR 2019 elaborado pela autora.

Destacamos o uso da fenomenologia 11%²¹, seguido por netnografia²², etnografia²³, entrevistas²⁴ e observação participante²⁵ - correspondendo a 6% cada uma delas - como os métodos de pesquisa de campo mais utilizados. Não identificamos o uso de *Religiografia* nas pesquisas realizadas no período analisado. Em síntese, esse é o panorama metodológico que identificamos na busca pelo termo “metodologia” nas pesquisas²⁶. Notamos a ponderação de Pye (2017, p. 169) “Não há um método único aqui que seja particularmente característico ao Ciência da Religião. No entanto, há um agrupamento de métodos característicos que vem de uma reunião particular de fontes relevantes.” Não obstante, pelo acentuado uso do método bibliográfico, o perfil das pesquisas do PPGCR PUC Minas sugere um caráter predominantemente teórico.

Considerações Finais

²⁰ Os percentuais correspondem à quantidade de vez que foi usado, individualmente ou combinado a outro.

²¹ MOURA, Cassiana Matos de (2017); NORONHA, Adriene dos Anjos (2017); SILVEIRA, Karina Masci; SATURNINO, Marcia do Carmo (2019).

²² MIGUEL, Rogério Tiago (2017); CRUZ, Anderson Luciano da (2018).

²³ RODRIGUES, Flávio Lages (2018); ARAUJO, Karine Luiza Rezende Silva (2018).

²⁴ GOMES, Ana Carolina (2018): pré-estruturada; (RITZ), Claudia Danielle de Andrade (2018): estruturada.

²⁵ GOMES, Ana Carolina (2018): observação sistemática não participativa; RODRIGUES, Flávio Lages (2018): observação participante.

²⁶ Não obstante, registramos as dificuldades que tivemos em identificar e compreender algumas metodologias designadas, o que eventualmente ter comprometido as análises e verificações realizadas.

Frente ao exposto, concluímos pela necessidade de reflexões sobre epistemologia, interdisciplinaridade e metodologia em Ciências da Religião, como parte intrínseca ao processo de maturação epistemológica dessa área de conhecimento, que denominamos disciplina.

Além disso, identificamos a necessidade de maior organização e clareza quanto: a) a designação classificatória da pesquisa; b) a designação metodológica explícita no texto da introdução das teses e dissertações realizadas no PPGCR PUC; c) a implementação da prática de apontamento do enquadramento da pesquisa na árvore de conhecimento das Ciências da Religião; d) a observância e aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa quando a legislação vigente assim exigir e designação do código e data de aprovação na introdução das teses e dissertações.

Como cientistas da religião, necessário que nossa atenção esteja no objeto da pesquisa, no problema, nos objetivos e na hipótese porque tais preceitos serão importantes na verificação da pertinência social da pesquisa, na averiguação epistemológica, na definição adequada da metodologia, métodos e teorias empreendidos. Tais cuidados são necessários para o bom desempenho e confiabilidade da pesquisa enquanto científica, outrossim, para a boa orientação do leitor e compreensão adequada da pesquisa. A maturação epistemológica e o fazer científico interdisciplinar proposto por nossa disciplina Ciências da Religião, exigem tais cuidados.

REFERENCIAS

CAMPOS, Fabiano Victor. Explicar e compreender: a querela em torno do procedimento epistemológico próprio da Ciência da Religião. **INTERAÇÕES**, Belo Horizonte, Brasil, v. 13. n. 23, p.38-72, jan./jul.2018.

CAMPOS, Fabiano Victor. **Interdisciplinaridade em Ciências da Religião**. VII Colóquio do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura. 11 a 13 de nov. 2019.

ENGLER. Steven. **Metodologia e Interdisciplinaridade em Ciências da Religião**. VII Colóquio do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura. 11 a 13 de nov. 2019.

FERREIRA, Amauri Carlos; SENRA, Flávio. **Tendência interdisciplinar das Ciências da Religião no Brasil. O debate epistemológico em torno da interdisciplinaridade e o paralelo com a constituição da área no país**. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião: Juiz de Fora, 2012, v. 12, n. 2, p. 249-269.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUSDORF, G. **Introduction aux sciences humaines**. 2. Ed. Paris: Editions Ophrys, 1976.

GUSDORF, G. **Present, passé avenir de la recherche interdisciplinaire**. Rev. Int. de Sciences Sociales. 29:627-48, 1977.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, [1974]/2016.

JENSEN, Jeppe Sinding. Epistemology. In: STAUSBERG, Michael; ENGLER, Steven (Org.). **The Routledge Handbook of Research Methods in the Study of Religion**. London: Routledge, 2011. p. 40-53.

MÜLLER, Max. **Chips from a German workshop**. Vol I. Essays on the science of religion. New York, Charles Scribner And Company, 1872.

MÜLLER, Max. **Chips from a German workshop**. Volume V. Miscellaneous later essays. New York: Charles Scribner's Sons, 1881.

MÜLLER, Friedrich Max. **Introduction to the Science of Religion**: four lectures delivered at the Royal Institute in February and May 1870. Oxford: Longmans, Greens and Company, 1882.

PYE, Michael. Integração metodológica na Ciência da Religião. Trad. Mariana Fernandes de Souza. **REVER**. Ano 17. Nº 2. mai/ago 2017.

TIELE, Cornelis Petrus. **Elements of the science of religion**. Edimburg and London: Willian Blackwood and Song, 1899.

TIELE, Cornelis Petrus. **Outlines of history of religion**: to the spread of the universal religions. London: Trübner & Company; Ludgate Hill, 1877.

RIBEIRO, Maurilio. **Apresentação do projeto de pesquisa de doutorado. Religiografia dos clássicos**. Grupo de Pesquisa Religião e Contemporaneidade: Belo Horizonte, 2019.

SAUSSAYE, Pierre Daniel Chantepie de la, **Manual of the science of religion**. London: Longmans, Green and Company, 1891.

SENRA, Flávio. **A área Ciências da Religião e Teologia: debate epistemológico e Ciência da Religião Aplicada**. II Colóquio Repludi PUC Minas. Belo Horizonte: 24 a 25 out. 2019.

SENRA, Flávio. A pós-graduação em ciências da religião e teologia no quadriênio 2013-2016. **INTERAÇÕES**, Belo Horizonte, Brasil, v . 13, n. 24, p. 526-533, Ago./Dez. 2018

SENRA, Flávio. Estudos de Ciência(s) da(s) Religião(ões) e Teologia no Brasil: Situação atual e perspectivas. **REVER**, São Paulo, v. 15, p. 196-214, jan./jun. 2015. Disponível em: Acesso em: 02 mar. 2018.

SENRA, Flávio. **Interdisciplinaridade em Ciências da Religião**. VII Colóquio do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura. 11 a 13 de nov. 2019.

SIQUEIRA, Giseli do Prado. **Interdisciplinaridade em Ciências da Religião**. VII Colóquio do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura. 11 a 13 de nov. 2019.

STAUSBERG, Michael (Org.); ENGLER, Steven (Org.). **The Routledge Handbook of Research Methods in the Study of Religion**. 1. ed. Londres: Routledge, 2011. v. 1. 523p.

USARSKI, Frank. **Constituintes da ciência da religião. Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma**. São Paulo: Paulinas, 2006.

USARSKI, Frank. (Org.). **O espectro disciplinar da Ciência da Religião. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 9-15.**

USARSKI, Frank. A “tradição da segunda ordem” como fonte identitária da ciência da religião: reflexões epistemológicas e concretizações. **INTERAÇÕES**, Belo Horizonte, Brasil, v.13. n.23, p.23-37, jan./jul.2018.

USARSKI, Frank. **Debate epistemológico e Ciência da Religião Aplicada**. II Colóquio Repludi PUC Minas. Belo Horizonte: 25 out. 2019.

WACH, Joachim. **Essays in the history of religions**. New York: Ted & Winnie Brock, (1924) 1988.

WHALING, Frank (Ed.). **Theory and Method in Religious Studies: Contemporary Approaches to the Study of Religion**. Berlin; New York: de Gruyter, 1995.

GT-2 | Práticas interdisciplinares

Mediadores:

Me. Maurílio Ribeiro da Silva
Ma. Ana Cláudia Archanjo Veloso Rocha

Ementa: Trabalhos que aplicam o método da pesquisa interdisciplinar aos estudos de religião. Trabalhos de disciplinas da área de Ciências Humanas que se dedicam ao estudo dos fenômenos religiosos.

CIÊNCIAS DA RELIGIÃO UM CONVITE A INTERDISCIPLINARIDADE PARA A ANÁLISE DO FENÔMENO RELIGIOSO

Antonio Carlos Coelho¹

RESUMO

Em um cenário de globalização e de pluralidade o campo religioso se formada em uma perspectiva diversa, fundamental e dialógica. Diante dessa diversificada conjectura a Ciências da Religião se apresenta, frente a este novo paradigma plural, em que se envereda por um caminho que busca uma nova exegese construída a partir desta pluralidade. E na esteira desta discussão interdisciplinaridade, se apresenta como uma ferramenta, que contribui com a Ciências da Religião para fomentar um diálogo com outras áreas do saber acadêmico. Esta pesquisa, por meio de uma investigação exploratória, com base nos discursos emergentes sobre o tema, tem como objetivo verificar a potencialidade da Ciências da Religião fundamentar discussões teóricas contribuindo, deste modo, a lidar com os fenômenos religiosos, com as distintas áreas de conhecimento com as quais poderá estabelecer interfaces.

Palavras Chaves: Religião. Diversidade. Pluralidade. Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Apesar das transformações da humanidade ao longo de sua caminhada e de certo apuramento na produção acadêmica envolvendo a religião e os seus fenômenos, a religião enquanto objeto de estudos para as Ciências da Religião ainda se mostra um campo a ser explorado.

Dentro do cenário heterogêneo que compõe a contemporaneidade nos permite afiançar que a religião não existe num vácuo social. Esta emerge em situações de colisões de distintas forças que envolvem conflitos e ações dos seres humanos na coletividade, provocando transformações constantes no cenário religioso.

É nesta questão que seguirá este trabalho, em um primeiro momento percebendo a arena religiosa e seus fenômenos como um rico encontro de distintas forças, tornando-a em um abundante espaço para análise e de produção científica. Em seguida se buscará vislumbrar como a diversidade, como sendo característica ontológica do ser humano, e a sua ação na religião oferecendo novas saídas e alternativas para se trabalhar com o tema.

¹ Mestre em Ciências da Religião – PUC/Minas.

E por fim entender como a junção das Ciências da Religião e a interdisciplinaridade pode fundamentar discussões teóricas contribuindo, deste modo, a laborar com os fenômenos religiosos.

1. Religião: um campo rico de pesquisa e discussão acadêmica

As sociedades humanas têm como característica, em todos os níveis de sua complexidade, modificarem sem cessar, compondo um “conjunto de processos interconectados de múltiplos níveis” (SZTOMPKA, 1998, p. 111), o que demonstra a sua evolução do passado para o presente.

Em decorrência deste processo ao longo da história humana se observa o desenvolvimento de uma “dimensão simbólica gerada de acordo com as possibilidades e necessidades de cada grupo social” (CORRÊA, 2008, p. 25), configurando distintas formas de manifestação cultural que não pode “ser analisado como um fenômeno autônomo”. (SZTOMPKA, 1998, p. 45).

O pluralismo interpretativo do ser humano possibilitou a formação de distintas culturas, valores, conhecimentos, padrões sociais e religiosos, bem como estilos e maneiras de agir, com a finalidade de substanciar a sua sociedade. Portanto, a diversidade dentro desse processo, ao longo da história, precisa ser compreendido como um valor central de uma sociedade futura que instrumentaliza bases de uma universalidade humana dentro da sua diversidade.

Para Ortiz (2015, p.45) a diversidade tem

qualidades positivas, antes atribuídas ao universal, deslocam-se para o pluralismo da diversidade. Talvez o exemplo mais emblemático disso seja a redefinição do mito de Babel [...] em que a diferença é sinal de riqueza, patrimônio a ser preservado, porém, simultaneamente, fonte potencial de conflito diante de um destino comum.

O fenômeno religioso não se distancia destas características apresentada pelo pluralismo interpretativo do ser humano, pois, este aparece como um “*feedback*” do ser humano, de distintas culturas, em busca de um nexos ao “numinoso” (OTTO, 2007). Este sentimento lhe atraiu, em um movimento antagônico, entre hesitação e extase, deste modo, a religião “faz parte da condição humana do ser humano”. (HOCK, 2010, p. 25)

Esta totalidade plural, que constitui a religião, construiu visões de mundo que, em um primeiro momento, fundamentou miopias fragmentadas que distorceram a percepção e as relações inter-humanas (MORIN, 2000; ARMSTRONG, 2001). Com o aperfeiçoamento da cognição humana estas compreensões foram se transformando, possibilitando o surgimento de sistemas complexos para o entendimento do sagrado. Para Moraes (2010, p. 6) “tanto o sagrado quando o arquétipo são ideais ou conceitos, que não se aprende racionalmente, é necessário viver a experiência do sagrado ou do arquétipo para compreendê-las”.

Observa-se, neste sentido, que a experiência religiosa como “exercício de aprender com a realidade” (PANASIEWICZ, 2013, p. 590), foi constante nas mais variadas civilizações demarcando uma diversidade cultural (BOAS, 2011; DURKHEIM, 2003) e religiosa (STEIL, 2007).

A sociedade, por meio da função agregadora da religião, criou um sistema de representação, com o propósito de produzir sentimentos que, compartilhados por seus membros, visava regular a conduta individual no nicho social que o cerca. De acordo com Durkheim (2003) a religião é uma representação do social, uma realidade que exprime sentimentos e pensamentos reais, portanto, não há do que se falar em religiões falsas, pois todas trazem, a sua maneira, verdades que respondem suas as necessidades.

Por estas razões, acreditamos ser muito oportuna, a produção de conhecimento científico, sobre a religião e seu fenômeno religioso, pela relevância desta no seio da humanidade. Neste caso, Menezes (2011, p. 3) alerta que

cada vez mais pesquisadores vêm demonstrando uma tendência a ultrapassar esta frágil fronteira deste estreito berço epistemológico em busca de convergência com as demais formas de saber, destacando-se o conhecimento contido na sabedoria religiosa. Autores como Fritjof Capra (2006) que apontam para a presença de princípios místicos em conceitos da física moderna ou Russel Stannard (2001) que questiona novas maneiras de praticar uma Ciência não-excludente. No ângulo oposto, também encontramos religiosos que abraçam cada vez mais as causas científicas, forçando o rompimento de dogmas e estratificações causadas por tradições estagnadas. Uma das conseqüências desse movimento encontra-se na aproximação de algumas vertentes místicas e/ou religiosas ao status científico, como a Teosofia, o espiritismo ou a ciëntologia. Também constata-se o avanço desta a outras áreas, ampliando seu campo de atuação e abrangência no sentido de produzirem uma contribuição mais pungente ao quadro geral.

Isto posto, se pensarmos a religião ao longo da história, esta se apresenta como um rico campo de investigação e inquirição acadêmica, dentro deste contexto de pluralidade, achando-se inserida no âmago dos mais distintos movimentos: econômico, intelectual, na construção de universidades e na produção de pensamentos.

Diante de uma conjuntura diversificada e complexa que é o mundo marcado por um pluralismo e um trânsito que não é só cultural, mas também religioso, se percebe a importância de uma abordagem interdisciplinar para se produzir um “conhecimento num diálogo permanente entre as disciplinas acadêmicas e as crenças, práticas, percepções e saber religiosos”. (FOLLMANN, 2014, p. 222).

De outra parte, a relação da Ciências da religião e as demais disciplinas acadêmicas, demonstram que o trânsito de conhecimento produzido podem se realizar sem fronteira e/ou barreiras, diante de um rico campo em que a religião está inserida, o que vem indicar mais questões a serem resolvidas e pesquisadas privilegiando um diálogo entre distintas áreas do saber.

2. Ciências da Religião e o paradigma da diversidade humana

Na historiografia humana se caracteriza mais por uma tentativa de universalizar do que por distinguir a importância das diferenças. Por esta razão que, o tema da diversidade torna-se importante para estudo dentro da Ciências da Religião, ao se buscar uma exegese na construção de uma ensino democrático e mais inclusivo.

A partir do reconhecimento desta diversidade pela academia, criou-se um raciocínio

mais flexível, cuja pretensão é fornecer descrições ou explicações abrangentes e totalizantes do mundo e da vida, fato que proporciona a possibilidade de manifestações de muitos processos de hibridização cultural. Esses processos podem ser definidos por meio de várias linguagens que se interpenetram. (CORRÊA, 2008, p. 104-105).

O que demonstra a capacidade da humanidade de se transformar a partir de uma “unidualidade originária” (MORIN, 2000), ou seja, o princípio de interdependência entre unidade e diversidade. Deste modo, o ser humano é “plenamente biológico, mas, se não dispusesse plenamente da cultura, seria um primata do mais baixo nível. A cultura acumula em si o que é conservado,

transmitido, aprendido, e comporta normas e princípios de aquisição”. (MORIN, 2000, p. 55).

Esta nova exegese, entendida a partir desta “unidade e diversidade” (MORIN, 2000) em que variantes linguagens se interpenetram (CORRÊA, 2008; ARMSTRONG, 2001) não se pode excluir a religião.

A diversidade está no ontológico do ser humano. Não está apenas nos traços psicológicos, culturais, sociais do ser humano. Existe também diversidade propriamente biológicas no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores ou organizacionais comuns. É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. (MORIN, 2000, p. 55).

A Ciências da Religião, neste paradigma de “unidade e diversidade” (MORIN, 2000), não se furta a esquadrihar, de inventariar “materiais de distintas áreas de trabalho – Etnologia, Ciência do Folclore, Ciências Históricas etc – para, sobre essa base, poder descobrir relações fundamentais na descrição de mitos, ritos, cultos, ideias sobre a alma etc”, (HOCK, 2010, p. 217), evitando uma “cegueira do conhecimento” (MORIN, 2000). Do mesmo modo, conforme aponta Hock (2010, p. 218), somente uma “discussão interdisciplinar sobre os fundamentos da atuação da religiosa contribui para a superação do evolucionismo, predominante no século XIX e parte do XX”.

Os desafios para abordar a diversidade cultural/religiosa, dentro da dimensão de distintos credos, seitas e religiões das mais variadas pertencas, representados em nossa sociedade, esbarram em muitos casos em preconceitos e intolerâncias. A Ciências da Religião instalada em uma reflexividade de desmitificação favorece uma ação de leitura crítica e histórica destas dimensões, ao empregar “conhecimentos sobre religiões e culturas – não somente estranhas, mas geograficamente muito distantes ou entrementes presentes na proximidade imediata, mas também sobre a própria, que as vezes tornou-se estranha”. (HOCK, 2010, p. 227).

A independência da disciplina em tela é primordial para este entendimento. A importância do desenvolvimento, produção e divulgação deste material produzido diante do paradigma da diversidade (social/religiosa), presente em nosso país e outros, permite ao ser divulgado, demonstrar como este processo torna-se possível, por meio de uma compreensão da realidade mediante a integração social. Contribui

para uma argumentação objetiva um “aprender a conhecer o diferente [...] orientar-se no estímulo a educar para a diversidade” (Panasiewicz, 2014, p. 280), não só de uma visão cristocêntrica, mas, dentro de um nicho de pluralismo religioso em tempos de diversidade.

3. As Ciências da Religião e a sua interdisciplinaridade

Observando as variações sócio/cultural/religiosa produzidas, dentro de um cenário diversificado, seria despojado de valor apontar uma única área de conhecimento capaz de abarcar e explicar a realidade que nos cerca. Ao longo da historiografia humana foi surgindo áreas de saber que trouxeram para si a responsabilidade de se produzir conhecimento.

Neste contexto o que se busca são novas perspectivas de reflexões, procedimentos metodológicos, criados a partir das necessidades de se entender este processo pluralizado. Urge uma relação próxima entre as áreas do saber, departamentos acadêmicos que visem investigação e de produção de conhecimento. Isto posto, não se quer dizer ruptura de fronteiras entre as distintas áreas do saber, mas uma proposta de uma convivência colaborativa entre estas áreas. Neste sentido a prática interdisciplinar de pesquisa ocorre em meio a diversos contextos possibilitando um empreendimento coletivo que favorece o conhecer estas realidades.

Tais expressões vêm tão somente confirmar a importância da credibilidade da interdisciplinaridade, em contribuir para um argumento, um método, um sistema capaz lidar com essa complexidade contemporânea global e o seu pluralismo religioso, entendo que o presente “atual está fadado a assumir a constituição plural da realidade e terá de enfrentá-la na pluralidade das compreensões disponíveis e na perspectiva relacional orientada pela soma de diferentes perspectivas disciplinares”. (FERREIRA; SENRA, 2012, p. 253)

A Ciências da Religião não se apresenta como uma ilha de conhecimento e nem proprietária deste, mas se apresenta como “uma mediadora, com base em seus pareceres específicos [...] ao criar a ocasião para a reflexão crítica sobre nosso próprio ponto de vista por meio da revinculação dos resultados de estudos científico-religiosos com a nossa própria cultura e a religião na qual vivemos” (HOCK, 2010, p. 229).

A própria Ciências da Religião, dentro deste processo interdisciplinar, aprende que não pode se resumir as suas pesquisas apenas: a mapear, elucidar, interpretar acontecimentos, mas também deve limitar as suas próprias verdades, mesmo porque, segundo Greschat (2005) essa ciência não tem características das ciências naturais, não obedece a um critério de exatidão.

neste sentido, a disciplina pode desenvolver, no contexto de discussões interdisciplinares sobre assuntos relativos à religião, uma função crítica a elementos ideológicos introduzidos por outras ciências. [...] a necessidade de um cientista da religião de "disciplinar" suas preferências e convicções particulares, quando trabalha de acordo com as regras da sua comunidade científica, pode ter repercussões na sua vida privada. Tratar-se-ia de um efeito colateral no cotidiano individual de um estilo de pensamento propagado na esfera acadêmica. Pode-se conceber este efeito em termos de uma crítica à ideologia, na medida em que a atitude de neutralidade, cultivada através da prática da Ciência da Religião, possibilita que o indivíduo ganhe maior objetividade também no seu cotidiano, quando confrontado com alternativas que diferem de suas próprias preferências. (USARSKI, 2001, p. 4).

Por certo que as representações do discurso religioso inserido na “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001) desenvolvem segundo as reações individuais do ser humano, provocadas por um discurso com atributos e múltiplos sentidos polissêmicos, expostos pela linguagem.

A própria língua funciona ideologicamente, ou seja, tem em sua materialidade esse jogo, o lugar da falha, do equívoco: todo enunciado [...] é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possível oferecendo lugar à interpretação. Todo enunciado está intrinsecamente exposto ao equívoco da língua, sendo, portanto suscetível de tornar-se outro. Esse lugar do outro enunciado, é lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e de ideologia na produção de sentido e na constituição dos sujeitos. (ORLANDI, 1998, p. 11).

Este caráter polissêmico do discurso religioso que leva a Ciência da Religião a uma interdisciplinaridade (MORIN, 2000), a fim de compreender e esclarecer esta diversidade de expressões religiosas e, ainda, assinalar aberturas descontinua de fronteiras e de possibilidades para uma convivência inclusiva em um círculo solidário e pluralista. Deste modo

as Ciências da Religião advêm de um momento importante, que é aquele quando as expressões humanas do sagrado são estudadas como temas de análises e compreensões teóricas no horizonte das Ciências Humanas – mas, nunca rejeitando a interdisciplinaridade e a cooperação científica, inclusive com as outras grandes áreas do conhecimento. (JUNIOR, 2015, p. 81).

A interdisciplinaridade para a Ciências da Religião possibilita uma intensa interlocução metodológica entre as áreas coirmãs e a apresenta como mediadora, como já dito, entre diversos campos do saber possibilitando uma cooperação e o avanço de uma compressão de uma práxis religiosa.

Considerações Finais

Dentro de tudo que foi apresentado entende-se que a Ciências da Religião, a partir da interdisciplinaridade, procura romper certo isolacionismo acadêmico ao indicar uma integração de conhecimento por meio de uma circulação ininterrupta de discussão e de reciprocidade, aquilatando questões de convergência que leva ao desenvolvimento e a produção de novas compreensões a respeito da diversidade religiosa.

Para LIMA (2008, p. 211) devido a toda “essa polissemia nas interpretações dadas ao fenômeno religioso, fruto da diversidade epistemológica com que ele é encarado, penso que o enfoque a ser dado nos programas de pós-graduação em ciências da religião, deva ser o da interdisciplinaridade” na Ciências da Religião.

A potencialidade da Ciências da Religião como nova exegese, ao fundamentar uma metodologia de produção do conhecimento interdisciplinar contribui, deste modo, com um ensino inclusivo, com uma pesquisa plural, favorece um intercâmbio não só entre seus pares, mas também da comunidade com o ambiente acadêmico, permitindo trocas de experiências fugindo talvez de uma abordagem de noção positivista e cartesiana.

Na liberdade da Ciências da Religião, esta apresenta, segundo USARSKI (2001) uma fundamentação epistemológica que passa não só por uma linguagem acadêmica mas também por uma abordagem social, que vai culminar com uma Ciências da Religião aplicada bem como na sua empregabilidade.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. Tradução Hildegard Feist: São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOAS, Franz. **A mente do ser humano primitivo**. Tradução de José Carlos Pereira. Petrópolis: Vozes, 2011.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. **Cultura e diversidade**. Curitiba: IBPEX, 2008.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRA, Amauri Carlos; SENRA, Flávio. **Tendência interdisciplinar das Ciências da Religião no Brasil. O debate epistemológico em torno da interdisciplinaridade e o paralelo com a constituição da área no país**. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 249-269, 2012.

FOLLMANN, José Ivo. **Produção do conhecimento e processos religiosos de identidade: apontamentos transdisciplinares para refletir sobre a Academia e o Ensino Religioso**. Numen, v. 17, n. 1, p. 205-229, 2014.

GRESCHAT, Hans-Jurgen. **O que é Ciência da Religião?** Tradução Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005.

HOCK, Klaus. **A introdução à Ciências da Religião**. Tradução de Monika Ottermann. São Paulo: Loyola, 2010.

JÚNIOR, Manoel Ribeiro de Moraes. **A dimensão teórica das Ciências da Religião. Uma discussão preliminar**. REVER. v. 15, n. 02, p. 80-106, 2015.

LIMA, Marcelo Lyra Camurça. Observação de um antropólogo a partir da experiência no corpo docente de um programa de pós-graduação da área. In.: **A (s) ciência (s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica**. Faustino Teixeira (org). São Paulo: Paulinas, 2008.

MENEZES, Walério de Andrade. **Psicologia e religião: um estudo de convergência**. Disponível em: <<https://www.monografias.com/pt/trabalhos3/psicologia-religiao-estudo-convergencia/psicologia-religiao-estudo-convergencia.shtml>>. Acesso em: 11 nov. 19.

MORAES, Fabrício Fonseca. **NUMINOSO: Do sagrado de Otto ao Arquétipo de Jung**. Disponível em: <<https://cepaes.com.br/blog/texto-numinoso-do-sagrado-de-otto-ao-arquetipo-de%C2%A0jung>>. Acesso em: 15 jan.18.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico**. Rua, v. 4, n. 9, p. 11-19, 1998.

ORTIZ, Renato. **Universalismo e diversidade: contradições da modernidade-mundo**. São Paulo: Boitempo, 2015.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado: os aspectos irracionais na noção de divino e sua relação com o racional**, Petropolis: Vozes, 2007.

PANASIEWICZ, Roberlei. **Categorização de experiências transcendentais: uma leitura da religiosidade, da fé e da religião**. Ver. Pistis Prax. Teol Pastor, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 587-611, 2013.

PANASIEWICZ, Roberlei. Pluralismo religioso em tempos de diversidade. In.: **Dimensões e desafios políticos para a diversidade cultural**. MIGUEZ, Paulo; BARROS, José Márcio; KAUARK, Giuliana (Orgs). Salvador: EDUFBA, 2014.

STEIL, Carlos. A modernidade fragmentou o campo religioso e fez emergir uma diversidade de religiões. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/940-carlos-steil-1>>. Acesso em: 22 jun. 06.

SZTOMPKA, Piotr. **A sociologia da mudança social**. Tradução de Pedro Jorgensen Júnior. São Paulo: Civilização, 1998.

USARSKI, Frank. **O potencial da Ciência da Religião de criticar ideologias – um esboço sistemático**. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv2_2001/t_frank.htm>. Acesso em: 15 ago.15.

CARTAS AO BOM JESUS DA LAPA: ASPECTOS CULTURAIS E RELIGIOSOS

Elvina Perpétua Ramos Almeida¹
Isabel Cristina Alves da Silva Frade²

RESUMO

A presente proposta de comunicação analisa a religiosidade popular nos processos de interação com o sagrado, por meio de cartas que são depositadas por devotos no Santuário Bom Jesus da Lapa. Nesse importante centro de romaria, localizado no município de Bom Jesus da Lapa, oeste da Bahia, podemos encontrar diversos objetos *votivos* e *ex-votivos*, entre eles, as cartas ao Bom Jesus - objetos escritos que, em seus enunciados, apresentam pedidos e/ou agradecimentos ao santo. As cartas depositadas no referido Santuário fazem parte de um contexto religioso, são objetos de fé, devoção, misticismo e penitência. O referido gênero, como elemento cultural, envolve uma cultura escrita e se insere no âmbito do discurso religioso. Assim, nosso objetivo é refletir, por meio do gênero discursivo carta *votiva* ou *ex-votiva*, sobre as práticas religiosas, culturais e sociais expressas nesses documentos escritos. Teoricamente, o artigo situa-se na interface entre religiosidade popular, sociologia, antropologia e linguagem. Para as análises, selecionamos fragmentos de algumas cartas, entre as que fazem parte do *corpus* de uma pesquisa de doutorado, como parte de estudos até então realizados - uma investigação de natureza qualitativa. Escrever cartas ao sagrado é uma forma de conservação da religiosidade e uma ampliação da condição de peregrino, para a condição de um autor a ser lido por seus pares.

Palavras-chave: Cartas *votivas* e *ex-votivas*. Cultura escrita. Santuário Bom Jesus da Lapa.

INTRODUÇÃO

O gênero carta ou gênero epistolar vem atravessando os séculos como prática discursiva específica e tipo particular de enunciação. Segundo Vasconcelos (2008), durante muito tempo, a correspondência permaneceu nos arquivos públicos ou privados e recentemente passou a ter valor como fonte

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social - FAE/ UFMG. Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XVII. E-mail: elvinaramos@hotmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Professora da UFMG - Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social - FAE/ UFMG.

primária, transformando-se em documento de pesquisa. Um exemplo de estudos de epistolografias são os ensaios reunidos por Galvão e Gotlib (2000).

As cartas ao Bom Jesus da Lapa compõem-se de modo geral em linguagem narrativa com pedidos e/ou agradecimentos ao santo. Elas fazem parte do contexto religioso do Santuário que se localiza em Bom Jesus da Lapa, oeste da Bahia. São consideradas objetos *votivos* e/ou *ex-votivos*. De acordo com Silva (1981, p. 17) “*voto* e *ex-voto* constituem manifestações paralitúrgicas de relacionamento com a divindade (ou seus agentes)”. O *voto* é anterior à graça, ou seja, é a súplica; o *ex-voto* é o testemunho público de gratidão pelo milagre alcançado.

Nesse sentido, as cartas ao santo não são meros atos de comunicação verbal, elas englobam aspectos culturais, sociais e históricos.

É comum dar como certo que a religião não somente é parte constitutiva da cultura, mas que ela abastece axiologicamente e normativamente a cultura. E que a cultura, por sua vez, interfere na religião, reforçando ou favorecendo-a a mudanças e adaptações (PRANDI, 2007, p. 02).

Reginaldo Prandi nos faz refletir que a religião está integrada na cultura, como a cultura se interliga à religião, como vias de muitas entradas. Portanto, a religião é um campo vasto e complexo, de modo que não é possível falar em aspectos religiosos sem falar em cultura.

Nosso objetivo é refletir, por meio do gênero discursivo carta *votiva* ou *ex-votiva*, sobre as práticas religiosas, culturais e sociais expressas nesses documentos escritos. Utilizamos a observação de campo e, como fontes documentais, algumas cartas *votivas* e *ex-votivas* que fazem parte do *corpus* de uma pesquisa de doutorado, como parte de estudos até então realizados - uma investigação de natureza qualitativa (GIL, 2008; FLICK, 2009).

Este artigo, de modo interdisciplinar³, situa-se na interface entre religiosidade popular (AZZI, 1992; SILVA, 1981; OLIVEIRA, 1985), sociologia (PRANDI, 2007), antropologia (STEIL, 1996; DURHAM, 2004) e linguagem (BAKHTIN, 2011). Assim, interessa saber como se dá a devoção ao santo por meio de cartas.

³ Para Ivani Fazenda (2008, p. 22): “A pesquisa interdisciplinar somente torna-se possível onde várias disciplinas se reúnem a partir de um mesmo objeto [...] convergir não no sentido de uma resposta final, mas para a pesquisa do sentido da pergunta inicialmente enunciada”.

O texto encontra-se organizado da seguinte forma: no primeiro momento, será apresentado breve síntese do início do catolicismo no Brasil e do Santuário Bom Jesus da Lapa inserido nessa história. Num segundo momento, serão analisados fragmentos de algumas cartas como manifestação cultural, inseridas no contexto religioso do Santuário Bom Jesus da Lapa.

1. Sobre o catolicismo popular

A implantação da fé católica no Brasil colonial foi um projeto orientado pelo Estado português por intermédio do Padroado régio, que teve a incumbência de promover a organização da Igreja nas terras “descobertas”. Desde o início do período colonial, um dos símbolos marcantes da fé cristã é a cruz, erguida tanto como marco de conquista como para indicar local de culto litúrgico. Também capelas e igrejas foram erguidas por devoção de pessoas leigas e muitas delas em cumprimento de promessas feitas, a exemplo a Igreja do Bonfim, em Salvador⁴.

Segundo o historiador Riolando Azzi (1992) a característica fundamental da devoção ao Bom Jesus instalada no Brasil é seu aspecto leigo e social inserido na perspectiva popular e centrada no mistério da Paixão e Morte de Cristo. Assim, entre as imagens do Cristo crucificado que se tornaram famosas, podemos citar a do Bom Jesus da Lapa, promovida desde o final do século XVII, com a chegada do monge Francisco de Mendonça Mar na gruta que se tornou Santuário, no município de Bom Jesus da Lapa⁵ - Bahia.

Os romeiros que se deslocam para o Santuário Bom Jesus da Lapa em busca de aproximação com o sagrado vivenciam experiências envolvendo diversas simbologias.

A dimensão simbólica constitutiva da ação humana pode ser verbalizada no discurso, cristalizada no mito, no dogma ou incorporada aos objetos, aos gestos, à postura corporal, e está sempre presente em qualquer prática social (DURHAM, 2004, p. 259).

⁴ A Igreja do Bonfim foi construída por Theodózio Rodrigues de Faria, fervoroso devoto do Senhor do Bonfim, ele fez uma promessa durante uma tempestade que se sobrevivesse, traria para o Brasil a imagens do Senhor do Bonfim. Disponível em <<https://santuariosenhordobonfim.com/historia>> Acesso em 25/11/2019.

⁵ Sobre a história do Santuário Bom Jesus da Lapa – BA, ver site do IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/bom-jesus-da-lapa/historico>> Acesso em: 16/11/2019.

Podemos expandir esta citação para o contexto do nosso estudo, tendo em vista as simbologias presentes nas romarias: um “amplo repertório linguístico de signos e ritos que os romeiros manipulam para lidar com as situações” (STEIL, 1996, p. 56). Assim, inseridas nessas práticas culturais e religiosas, é possível perceber modalidades de penitências e devoções, como: entrar ajoelhado no Santuário, fazer orações em frente aos altares, tocar e beijar as imagens, utilizar uma indumentária específica, entoar benditos e depositar diversos tipos de oferendas – ações que fazem parte dos ritos da romaria e fortalecimento das crenças. Os peregrinos sempre usam um distintivo, por exemplo, os romeiros de Bom Jesus da Lapa usam um chapéu de palha coberto com pano branco, enfeitado com uma fita verde.

As cartas ao Bom Jesus possuem grande significado cultural como experiência religiosa, apresentam conteúdos que dizem respeito às questões difíceis de serem solucionadas no cotidiano da vida terrena. Entre os pedidos e agradecimentos estão a cura de doenças, felicidade no matrimônio, abandono de um vício, sucesso nos negócios, vaga de emprego e aquisição da casa própria.

Fica caracterizado nessas experiências que os fiéis compõem um conjunto de representações e práticas religiosas que parecem não depender da mediação de autoridade eclesiástica. Para Oliveira (1985, p. 135), “o catolicismo popular incorpora elementos do catolicismo oficial – os significantes – mas lhes dá uma significação própria, que pode inclusive opor-se à significação que lhes é oficialmente atribuída pelos especialistas”. Nesse sentido, o trabalho do clero se situa na manutenção de um equilíbrio entre o catolicismo popular e o catolicismo oficial. Na percepção de Steil (1996), a multiplicidade de rituais envolvendo a romaria revela uma indeterminação de fronteiras entre o que é oficial e o que é prática do catolicismo popular tradicional.

2. A carta como manifestação cultural e religiosa

Compreendemos como cultura escrita “o lugar – simbólico e material – que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade”, conforme define Galvão (2004). O conceito traz a compreensão de

que uma cultura escrita nunca é homogênea, pois seus produtores, os seres humanos possuem singularidades.

Assim, as cartas ao Bom Jesus da Lapa, para além do conteúdo informativo que trazem em seus enunciados, em sua maioria, são manuscritas pelo autor ou por mãos de outras pessoas. Seus aspectos gráficos demonstram habilidades de escrita em níveis diferenciados, riscos e rasuras nem sempre são motivos para passar o texto a limpo. São escritas num tom familiar, em linguagem coloquial e espontânea, aproximando-se do diálogo despreocupado com formalidades e mais parecem “falar” ao interlocutor. Os fragmentos a seguir nos mostram esses traços: *“Meu querido Bom Jesus”* (Carta 26), *“Senhor Bom Jesus é com muito prazer que estou escrevendo esta carta p/ te entregar pessoalmente”* (Carta 189).

Bakhtin (2011, p. 301) traz uma contribuição que consideramos pertinente a esta discussão, ao considerar que “um traço essencial (constitutivo) do enunciado é o seu *direcionamento* a alguém, o seu *endereçamento*” (grifos do autor). Portanto, certas noções influenciam a produção da carta, como: a quem se destina o enunciado? Como o emissor percebe e representa para si o seu destinatário? qual é a força e a influência dele no enunciado?

Embora com um destinatário preciso: o Bom Jesus da Lapa, em muitas cartas não é identificado seu emissor, local e data, como marcadores formais do gênero. Supomos ser uma forma de preservar a identidade da autoria. Entretanto, em muitas correspondências encontramos expressões como: *“O Senhor sabe de todas as coisas”* (Carta 13), *“O Senhor sabe de tudo”* (Carta 16). *“... sei que sabe de Todas as coisas”* (Carta 18), indicativas de crença na onisciência do santo, portanto, a carta não precisa dizer tudo.

Na cultura escrita que envolve as cartas ao Bom Jesus da Lapa, podemos perceber que a devoção aos santos tem se ampliado na medida em que outros santos passam a compor o Santuário, como Nossa Senhora da Soledade, Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida, São Geraldo, São Francisco, entre outros. Observamos que a religiosidade vai se moldando a novas formas de sociabilidade: *“É com muita felicidade que hoje, estou aqui nos pés do bom Jesus da Lapa, para agradecer o milagre que eu recebi de Santa Luzia...”* (Carta 46), *“Entrei em oração pedindo ao Bom Jesus e Nossa*

Senhora Aparecida que não deixasse eu ser operado de novo...” (Carta 62). Os santos são as representações fundamentais do catolicismo popular, eles podem intervir junto a Deus em favor dos homens, graças aos méritos que adquiriram durante sua vida ou no momento de sua morte (OLIVEIRA, 1985).

No conjunto de textos que compõem o *corpus* da nossa pesquisa, entre as várias narrativas, a devota Edilene explicita seu objetivo: “*Escrevo esta carta para contar um pouco a minha história*” (Carta 58). Sua história, na verdade, passou-se com sua mãe que sofreu um câncer e ela recuperou-se depois de fervoroso pedido ao Bom Jesus. Ambas entregam pessoalmente a carta no Santuário, como podemos constatar: “*...estamos aqui em Bom Jesus da Lapa todos os anos para agradecer esse MILAGRE que não tem preço no mundo*”. Fica explícito na carta um pacto, no passado, da devota com o santo, mas que se prolonga em eterno agradecimento - comparecem ao Santuário “*todos os anos*”.

Em algumas cartas podemos encontrar esclarecimentos sobre objetos expostos por devotos, uma delas é a correspondência de Antônio Carlos, dirigida à “*Nossa Senhora e seu filho Jesus Cristo*” (Carta 15). Na narrativa expõe que foi agraciado com a restauração do seu fêmur, “*que fora dilacerado com um projétil de arma de fogo disparada por um delinquente enquanto me roubava*”. Como forma de agradecimento, cita os objetos *ex-votivos*: “*Deixo as muletas que tanto me serviram e poderá servir para outra pessoa [...]. Nossa Senhora, receba essas velas que é uma oferta que faço de coração*”. Observamos nesses enunciados aspectos da realidade social, do cotidiano das pessoas, seus obstáculos e dificuldades, são histórias de vidas, envolvem relações e crenças.

Fica explícita uma confiança no poder do santo, em contraposição à fragilidade humana, o intercâmbio entre este mundo de carne e osso e o plano divino se dá numa relação que envolve promessas e milagres. Escrever ora se converte em apelo, ora em agradecimento, para tratar de questões íntimas, problemas pessoais do autor ou de outras pessoas da sua convivência.

Considerações Finais

O gênero discursivo carta *votiva* e *ex-votiva* se processa como experiência religiosa, social e cultural, marca uma relação com o sagrado por

meio da escrita. Nas cartas se cruzam os fatores objetivos da vida social e as singularidades dos sujeitos. Nesse universo cultural, o catolicismo tradicional ou popular afirma uma relação entre o devoto e a divindade (ou seus agentes).

Desse modo, prevalece uma relação amistosa com o (s) santo (s) protetor (es). As cartas estão ligadas a várias situações e, em si, elas são objetos votivos. Assim, escrever carta ao sagrado é uma forma de conservação da religiosidade e uma ampliação da condição de peregrino, para a condição de um autor a ser lido por seus pares.

REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. **Do Bom Jesus Sofredor ao Cristo Libertador**. Coleção Teologia e História do Brasil I. Seb. Brasília: Editora Rumos, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BOUVET, Nora Esperanza. **La escritura epistolar**. Buenos Aires: EUDEBA, 2006.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A dinâmica da cultura**: ensaios de antropologia. São Paulo: Cosacnaify, 2004.

FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade – Transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas. In: Fazenda (Org.). **O Que é interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2008.

FLICK, Uwe. **Etnografia e observação participante**. Tradução de José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádia Battella (Org.). **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Cultua escrita. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (Org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Religião e dominação de classe**: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985.

PRANDI, Reginaldo. As Religiões e as Culturas: Dinâmica Religiosa na América Latina. Conferência Inaugural das **XIV Jornadas Sobre Alternativas Religiosas na América Latina**. Buenos Aires 25 a 28 de setembro de 2007. Disponível em: <http://web.fflch.usp.br/ds/prandi/> Acesso em 02/11/ 2019.

SILVA, Maria Augusta Machado da. **Ex-votos e orantes do Brasil**: leitura museológica. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1981.

STEIL, Carlos A. **O Sertão das Romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

VASCONCELOS, Eliane Intimidade das confidências. **Teresa revista de Literatura Brasileira** [8 19]; São Paulo, p. 372-389, 2008.

O ESPAÇO SAGRADO DA GRUTA DA LAPINHA, COMUNIDADE RURAL BAGRES EM SANTO ANTÔNIO DO ITAMBÉ, MINAS GERAIS.

*Iara Euzane de Oliveira Pereira*¹

*Luiz Eduardo Panisset Travassos*²

RESUMO

A apropriação dos espaços pela população atribui significado e importância transformando-os em lugares de memórias coletivas e patrimônio cultural. Este é o caso da Gruta da Lapinha, na comunidade rural Bagres, município de Santo Antônio do Itambé, Minas Gerais. Dessa forma, o objetivo da pesquisa é identificar as formas de apropriação do espaço e quais são os usos da gruta pela comunidade. Esta investigação tem como base metodológica a Observação-Participante que exige permanência em campo com interação social ao acompanhar as atividades relacionadas à gruta. As técnicas empregadas foram a aplicação de questionário, uso de entrevistas semiestruturadas, elaboração de mapa mental e o Diagrama de Venn. Como resultados preliminares identificou-se que o uso da gruta é feito por fiéis católicos com a reza do terço em adoração ao Senhor Bom Jesus. Como padroeira, a comunidade recebeu de presente a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, a qual é coroada. Além da reza do terço, a gruta recebe visitação de turistas esporádicos e romeiros a fim de cumprir com promessas realizadas. A partir das bases teóricas que fundamentam a pesquisa, como espaço sagrado, a gruta é considerada o centro do mundo. Em decorrência dos encontros para a reza do terço, teve início a Festa da Lapinha, realizada na praça da comunidade e considerada de caráter profano devido ao forró, músicas diversas e venda de alimentos e bebidas alcoólicas. Durante a pesquisa, será explorada a relação entre o sagrado e o profano.

Palavras-chave: Geografia Cultural. Geografia da Religião. Espaço Sagrado.

INTRODUÇÃO

A geografia e a religião são práticas sociais que se encontram a partir da dimensão espacial, pois uma analisa o espaço e a outra um fenômeno cultural que ocorre espacialmente (ROSENDAHL, 1996). A diversidade de temas

¹ Mestranda em Geografia – Tratamento da Informação Espacial no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista FAPEMIG.

² Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC Minas.

dentro da Geografia Cultural favorece o estudo da abordagem religiosa e sua interação no espaço.

O ser humano, em sua relação com o espaço que habita, imprime marcas à Terra a partir de seu pensamento atribuindo sentido às realidades naturais e sobrenaturais. “Deste modo o homo faber sapiens torna-se o homo religiosus” (GIL FILHO, 2002). Nesta compreensão, parte da geografia humana percebe a necessidade do estudo do homem sob à influência da religião, ou seja, uma Geografia das Religiões.

Percebe-se que os espaços desprovidos de valor passam a ser importantes *lugares* de devoção. Os lugares sagrados podem ser traduzidos como uma espécie de significado cultural do indivíduo ou grupo social que o vivencia à sua maneira. Tais lugares são impregnados de simbolismo e não vão simplesmente sendo descobertos, fundados ou construídos; são reivindicados, possuídos e operados por uma determinada comunidade religiosa (ROSENDAHL, 2002).

Os sítios culturais e sagrados ocorrem em uma variedade de paisagens. Nas cavernas, objetos e formas são veneradas por sua beleza, supostos poderes milagrosos e associação a histórias locais (TRAVASSOS, 2010). Em Santo Antônio do Itambé, Minas Gerais, a Gruta da Lapinha é considerada o lugar sagrado para a comunidade rural Bagres, manifestado pelo catolicismo popular.

1. Geografia e Ciência da Religião

A *Geografia Cultural* se desenvolve com a corrente humanista, apoiada na fenomenologia. Segundo Holzer (1997), o projeto da fenomenologia é o de reaproximar as ciências às experiências e percepção do mundo e de seus objetos enquanto fundamentos dos conceitos.

No começo dos anos 70, os geógrafos insatisfeitos com o “caráter convencional e sem brilho” das análises propostas pelas correntes naturalistas e funcionalistas “reestabelece as ligações com o indivíduo”. No mundo anglo-saxão afirma-se a curiosidade com os sentidos dos lugares, e na França, após Armand Frémond, valoriza-se mais a experiência vivida. Estava em “moda” a fenomenologia, o que justifica essas visões (CLAVAL, 2002, p.26).

Apesar de sempre presente em abordagens geográficas, a Geografia da Religião emerge da própria geografia como subdisciplina, ou “disciplina auxiliar” em meados do século XX. Ela cria pontes e ganha credibilidade perante as outras ciências – em especial na Ciência da Religião – conforme destaca Frank Usarski no livro *Constituintes da Ciência da Religião* (2006), em seu ensaio *A geografia da religião* (2007) e no *Compêndio de Ciência da Religião* organizado juntamente com João Décio Passos (2013). A Geografia da Religião, segundo Pereira e Gil Filho (2012) busca entender as manifestações espaciais do fenômeno religioso a partir das formas religiosas já impressas na paisagem. Além disso, busca compreender as manifestações religiosas partindo das dimensões estruturantes e do caráter fenomenológico e, posteriormente, das estruturas estruturadas da religião.

Por sua vez, Sopher (1981) indica que o objeto de estudo da Geografia da Religião é o fenômeno religioso intermediado por relações objetivas e subjetivas reunidas em formas simbólicas mediadas pela religião (PALHARES, 2018).

Geografia da Religião tem por finalidade promover entre as diferentes religiões, e conseqüentemente em suas dimensões espaciais, estudos perceptivos, organizados, comparativos e fenomenológicos, com destaque para trabalhos que relacionem política e religião (territorialidades religiosas, espaços sagrados), muitas vezes ligada à peregrinação e à dimensão do lugar das religiões (identidades e paisagens religiosas) (PALHARES, 2018, p.47).

2.Espaço Sagrado

Em Tuan (1989, p.44), o lugar sagrado é tudo o que se destaca do lugar comum e da rotina, este, por sua vez, são tidos como espaço profano, o que não é sagrado. Espaços sagrados são aqueles cujo sagrado se manifestou (ROSEND AHL, 2009). Se classificarmos o espaço sagrado como centro do “sistema mundo” (ELIADE, 1995), conferimos a ele a noção de “ponto fixo”, lugar de mediação entre a terra e o céu (GIL FILHO, 2002).

De acordo com Rosendahl (2002), os povos têm atribuído sacralidade a diferentes objetos e topografia sagrada. No cristianismo, judaísmo e budismo, por exemplo, é possível identificar montanhas e cavernas consideradas sagradas, como demonstrado pela existência das muitas igrejas e templos

construídos nestes espaços. A visita aos lugares sagrados, especialmente no cristianismo, está associada à prática de peregrinação e, no Brasil, a manifestação do catolicismo popular.

Segundo Travassos (2010; 2011), muitas cavernas por todo mundo tornaram-se importantes pontos de manifestação do sagrado em diversas culturas. Segundo Oliveira (2002), o mais importante é analisar a afetividade humana para com a natureza e a sociedade. Além da preservação dos aspectos físicos das cavernas, deve-se atentar para os aspectos culturais, igualmente importante. Entender a forma como um grupo social percebe tais espaços pode ser, muitas vezes, o caminho para sua preservação (TRAVASSOS, 2010).

3.Espaço Sagrado da Gruta da Lapinha

O estudo se debruça em identificar as formas de apropriação e os usos da Gruta da Lapinha pela comunidade rural Bagres, no município de Santo Antônio do Itambé, Minas Gerais. A Gruta da Lapinha faz parte da relação de identidade da população com o lugar que é frequentemente visito por fiéis da comunidade e de comunidades vizinhas à procura de um contato íntimo com o sagrado.

Esses fiéis católicos realizam peregrinações em pagamento de promessas, pedidos e agradecimentos às graças concedidas pelo Bom Jesus. A principal manifestação do sagrado ocorre com as rezas do terço dentro da gruta em dias comemorativos da tradição cristã. Portanto, a caverna é considerada o “centro do mundo” para os fiéis.

O sagrado é manifestado pela beleza atribuída a gruta e seu entorno, pela forma como foi encontrada (descoberta por acaso pelos moradores há mais de 80 anos), pelo sentimento de paz que ela desperta naqueles que a visitam e pela localização no alto de um morro.

Segundo Travassos (2010, p.143), “as cavernas-santuário, muitas delas localizadas em imponentes afloramentos ou em posições elevadas no terreno, lembram o conceito de “*alto*”, consolidado por Eliade (2002)”.

Para muitos é difícil aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou em árvores (...); não se trata de venerar a pedra como pedra e, sim, como uma hierofania”; ou

seja, uma manifestação do sagrado (ELIADE, 1996, p.26 apud TRAVASSOS, 2010, p.144)

A apropriação dos lugares pela população dá significado e importância a eles, transformando-os em patrimônio cultural e lugares de memórias coletivas, bem como a sacralização de elementos da natureza.

Considerações Finais

O estudo tem como base a Geografia Cultural e Humanista, bem como a Geografia da Religião com abordagem fenomenológica. A Geografia da Religião vem como subdisciplina que sustenta a percepção dos espaços e lugares por grupos que usam a fé para atribuir valor aos lugares. A Geografia Cultural e Humanista é a geografia dos lugares apresentados pelos próprios atores envolvidos, dando a eles voz durante a pesquisa, enfatizando suas características e manifestações culturais. A Geografia Cultural identifica as pessoas, seus modos de vida, seus modos de apropriação e uso dos espaços, ou seja, fenômenos que traçam características próprias. Tais abordagens são fundamentadas pela abordagem fenomenológica que ganha espaço na geografia contemporânea.

A partir da observação participante, entrevistas semiestruturadas e questionários, identificou-se que o uso da gruta é feito por fiéis católicos com a reza do terço em adoração ao Senhor Bom Jesus. Como padroeira, a comunidade recebeu de presente a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, a qual é coroada. Além da reza do terço, a gruta recebe visita de turistas esporádicos eromeiros a fim de cumprir com promessas e agradecimentos.

Em decorrência dos encontros para a reza do terço, teve início a Festa da Lapinha que, em 2019, chegou a sua 36ª edição. A festa é realizada na praça da comunidade, no ponto mais baixo em relação a gruta, no espaço profano, onde acontece shows, onde se localizam barracas para venda de produtos variados e venda de alimentos e bebidas alcoólicas.

A partir das bases teóricas que fundamentam a pesquisa, percebe-se que a gruta é o “centro do mundo”, localizada em posição de destaque no terreno, simbolicamente mais próxima de céu. Chegar à Lapinha é “subir” o morro, saindo da praça (espaço profano) em direção ao “alto”, ao “lugar

sagrado”. A medida que os fiéis se aproximam da gruta, o tom de voz é reduzido, privilegiando o silêncio ou os cantos e orações. Homens tiram o chapéu em sinal de respeito e as mulheres desfiam os terços e as crianças são reprimidas nas brincadeiras de correr e gritar.

Os próximos passos da pesquisa serão focados no conflito entre o sagrado e o profano durante a Festa da Lapinha, destacando as ameaças à tradição que são apontadas pelos entrevistados. Sob a ótica espacial, pretende-se caracterizar área de estudo por meio de mapeamentos e identificação regional dos limites sagrados e profanos. O presente estudo se soma às pesquisas nacionais e internacionais da Geografia da Religião que apresentam a importância cultural das cavernas.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A pluralidade da geografia e a necessidade das abordagens culturais. In: KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto, (Org). **Da percepção a cognição a representação: reconstruções teóricas da geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

CANALI, Naldy Emerson. Geografia ambiental. Desafios epistemológicos. In: Francisco Mendonça, Salete Kozel (org.). **Elementos de Epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba, Ed. da UFPR, 2002. Reimpressão 2004.

CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In: Francisco Mendonça, Salete Kozel (org.). **Elementos de Epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba, Ed. da UFPR, 2002. Reimpressão 2004.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Por uma geografia do sagrado. In: Francisco Mendonça, Salete Kozel (org.). **Elementos de Epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba, Ed. da UFPR, 2002. Reimpressão 2004.

GIL FILHO, Sylvio Fausto; PEREIRA, Clevisson Junior. Geografia da religião e espaço sagrado: diferenças entre as noções de lócus material e conformação simbólica. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v. 6, n. 1 abr/2012 p.35-50.

OLIVEIRA, Livia. Ainda sobre percepção, cognição e representação em geografia. In: Francisco Mendonça, Salete Kozel (org.). **Elementos de**

Epistemologia da Geografia contemporânea. Curitiba, Ed. da UFPR, 2002. Reimpressão 2004.

PALHARES, Ricardo Henrique. Territórios religiosos: estratégias espaciais das Igrejas Católica, Deus é Amor e Universal do Reino de Deus em Belo Horizonte. Belo Horizonte, Tese – Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG-TIE), PUC Minas, 2018.

PEREIRA, Clevisson Junior. Geografia da Religião: um olhar panorâmico. Departamento de Geografia – UFPR. RA´E GA. Curitiba, v27, p.10-37, 2013.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço e Religião: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996. Eªed. 2002. 92p

ROSENDAHL, Zeny. Uma proposição temática. In: Francisco Mendonça, Salete Kozel (org.). **Elementos de Epistemologia da Geografia contemporânea.** Curitiba, Ed. da UFPR, 2002. Reimpressão 2004.

SILVA, Diego Lopes. Continuum passado-presente e futuro e o Templo como simbolismo cêntrico: a relação da identidade coletiva judaica com sua forma simbólica espacial religiosa. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 39, jan./jun. de 2016, p.18 – 42.

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. A importância cultural do carste e das cavernas. Tese - PPGG-TIE PUC Minas, Belo Horizonte, 2010.

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset; MAGALHAES, Edgar Dias; BARBOSA, Elvis Pereira (Org). **Cavernas, Rituais e Religião.** Ilhéus: Editus, 2011. 441p.

**ENTRE CONTINUIDADES E RUPTURAS COM O(S)
PENTECOSTALISMO(S): AS IGREJAS EVANGÉLICAS INDEPENDENTES
DA FAVELA MORRO DO PAPAGAIO, MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE¹**

*Rafael Rodrigues de Castro²
Vani Aparecida Guimarães³*

RESUMO

A partir da última década do século XX houve um crescimento de evangélicas(os) no Brasil, principalmente no contexto urbano e de adeptas(os) ao pentecostalismo. A fragmentação e pluralidade interna no fenômeno religioso pentecostal, e conseqüentemente, o surgimento dia a dia de igrejas e novas denominações dessa matriz, apontam para um pentecostalismo no plural. Tendo em vista o expressivo crescimento de evangélicas(os) pentecostais, especialmente em favelas, este artigo tem como objetivo compreender como se configuram as novas denominações evangélicas situadas na favela Morro do Papagaio, no município de Belo Horizonte/MG. Para tanto, o estudo buscou refletir sobre a distribuição espacial, a arquitetura e a estética dos templos, bem como a história de surgimento, a teologia confessional e as práticas organizativas internas das igrejas. Foi realizado o mapeamento de todas as igrejas evangélicas situadas na favela, registro fotográfico dos templos, observação não-participante nos cultos e entrevista estruturada com nove líderes. Pelos resultados identificou-se que há na favela 36 igrejas, sendo 20 novas denominações– denominadas neste estudo como independentes, e posteriormente, aponta-se o panorama das igrejas independentes do Morro do Papagaio.

Palavras-chave: Pentecostalismo; Igrejas evangélicas; Favela.

INTRODUÇÃO

O fenômeno religioso pentecostal é objeto de estudo de diversas disciplinas e seus paradigmas teóricos, epistemológicos e metodológicos no intuito de compreendê-lo nas complexidades que o envolve, pois há no mundo e no Brasil, diversos pentecostalismos. Além do crescimento de evangélicas(os) no Brasil, especialmente nas áreas urbanas, outro aspecto é o

¹ Este artigo apresenta resultados parciais da pesquisa, em andamento desde agosto de 2019, intitulada Participação no espaço eclesiástico e Participação política.

² Mestrando em Administração pelo PPGA da PUC Minas, e Graduando em Filosofia pela FAFICH da UFMG. Membro do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS/PPGA da PUC Minas). E-mail: rafaelcastro19@gmail.com.

³ Pós-graduada em Gestão Pública pela FaPP/UEMG (2015). Coordenadora da área de RH na Gerência de Gestão na Companhia de Habitação do Estado de Minas (COHAB Minas). E-mail: vaniguimaraesbh@gmail.com.

socioeconômico dos fiéis.

A favela Morro do Papagaio, localizada na Regional Centro-Sul do município de Belo Horizonte/MG, constitui um exemplo tanto no aumento de evangélicas(os) quanto de novas denominações desde o início do século XXI⁴. Dessa feita, com enfoque nas novas denominações, surgem algumas indagações: Há quantas igrejas evangélicas na favela? Onde estão? Quando surgiram e qual a sua história? Elas são de matriz pentecostal? Como se organizam internamente? Neste sentido, a proposta deste artigo é apresentar uma reflexão sobre a configuração das novas denominações evangélicas localizadas na favela Morro do Papagaio, de forma a compreender a distribuição espacial, a arquitetura e a estética dos templos, bem como a história de surgimento, a teologia confessional e as práticas organizativas internas das igrejas.

1. Referencial teórico

[...] no início da década de 1990, uma nova igreja era fundada a cada dia útil apenas no Grande Rio. Algumas dessas igrejas mal e mal consistem de um galpão em que um pastor automeado procura, diante de talvez 50 ouvintes, sobrepujar com seu microfone o barulho do trânsito (ou da igreja vizinha) (BARTZ, 2012, p.232).

Na frase acima, a descrição de Bartz sobre o cenário religioso evangélico no Grande Rio na década de 1990, assemelha-se a realidade de diversas cidades brasileiras desde a última década do século XX. Os Censos de 1990, 2000 e 2010 corroboram com tal percepção, pois eles apontaram um crescimento expressivo de evangélicas(os) nas áreas urbanas: 10.674.013 de 13.157.383, 22.736.910 de 26.184.941, e 37.824.089 de 42.275.400, respectivamente (IBGE, 2019). Juntamente com esse crescimento, percebe-se também o surgimento dia a dia de igrejas e de novas denominações.

Um fenômeno religioso que propiciou a proliferação de igrejas e de novas denominações no Brasil foi o pentecostalismo devido a fragmentação e pluralidade interna do fenômeno iniciada, principalmente, a partir de 1950, pois,

⁴ O crescimento de igrejas e de novas denominações evangélicas foi percebido por um dos autores deste artigo, o qual mora na favela há 31 anos, a partir dos anos 2006, quando transitava pelas vilas.

há no mundo e no Brasil, diversos pentecostalismos (DE ALENCAR, 2014). Outro aspecto desse fenômeno é sua expansão nas áreas urbanas, por exemplo, o município de Belo Horizonte/MG aparece na sétima posição nacional e em primeiro lugar a nível estadual, com 268.704 pentecostais, conforme o Censo de 2010 (IBGE, 2019).

O período histórico estabelece hierarquia funcional dos lugares e as ofertas de serviços são distribuídas no espaço de acordo com a lógica locacional para atender o sistema capitalista. Nesse sentido, a geografia urbana preocupa-se em compreender no espaço urbano a lógica de localização. Ela “dirige-se à compreensão daqueles processos sociais, econômicos e ambientais que determinam a localização, o arranjo espacial e a evolução dos lugares urbanos” (CLARK, 1985, p.18).

O processo de industrialização e de metropolização influenciou no crescimento da urbanização, mudou o modelo de produção e o modo de vida da sociedade, e criou um espaço urbano levando em consideração interesses e funções comuns (SENRA; LEITE, 2019). Campos (2011), por meio dos dados dos Censos, aponta uma relação entre opção religiosa e migração campo/cidade, indicando inclusive, como o pentecostalismo emerge nesse processo. Também a partir dos dados dos Censos, estudos demonstram a forte ligação do(s) pentecostalismo(s) com as camadas populares e áreas urbanas, principalmente as favelas (MATTOS, 2017).

O(s) pentecostalismo(s) atingiu majoritariamente uma camada social historicamente excluída e privada de diversos direitos, inclusive na sociedade capitalista, gerando desdobramentos como, falta de formação acadêmica das(os) líderes, fluidez da estrutura organizacional das igrejas, transitoriedade e mobilidade de espaços sagrados, reprodução de machismo, racismo e discricção religiosa, dentre outros (SENRA; LEITE, 2019; CHANTAL, 2019).

2. Panorama das igrejas independentes no Morro do Papagaio

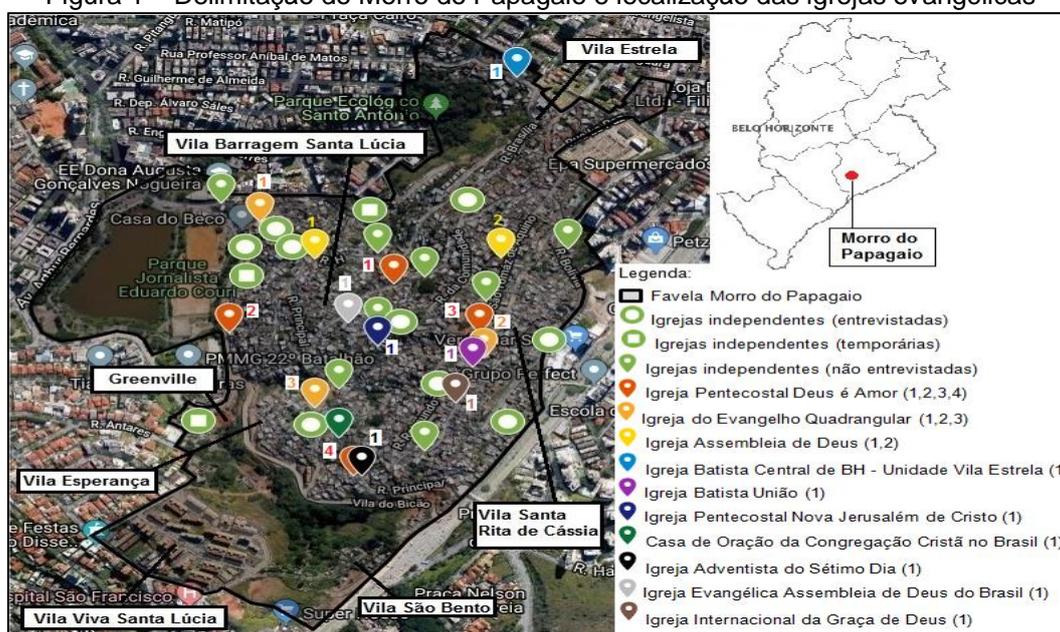
A favela Morro do Papagaio⁵ (também conhecida como Barragem Santa

⁵ Sobre a história do surgimento do Morro do Papagaio até os dias atuais, recomendamos os textos: Costa, 2018; Cruz, 2009; Gomes, 2011; Pereira, 2012; Starling, 2015.

Lúcia) é dominada pela Prefeitura de Belo Horizonte de Aglomerado Santa Lúcia (PBH, 2019). Antes de iniciar as obras do Programa Vila Viva e de contenção da encosta da BR-356, a favela era constituída de: a) vilas: Vila Estrela (conhecida como antigo Quilombo), Vila Santa Rita de Cássia (conhecida como Morro do Papagaio), Vila Barragem Santa Lúcia, Vila Esperança (conhecida como Bicão), Vila São Bento (conhecida como Carrapato); b) aglomerações: Greenville; c) territórios: Rua H, Praça do Amor, La Paz, Manpu, BR, etc (FIG. 1; STARLING, 2015).

Atualmente, a PBH (2019) reconhece que a favela é composta por quatro vilas (Vila Estrela, Vila Santa Rita de Cássia, Vila Barragem Santa Lúcia e Vila São Bento), ocupando uma área calculada em 481.232,40 mil m² e abriga, ao todo, 4.974 domicílios e 15.697 habitantes. A figura 1 apresenta o mapa de Belo Horizonte dividido por regionais e a localização do Morro do Papagaio na Regional Centro-Sul, bem como as zonas fronteiriças⁶ (PANOTTO, 2019) da favela, e a localização das igrejas evangélicas.

Figura 1 – Delimitação do Morro do Papagaio e localização das igrejas evangélicas



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

⁶ As zonas fronteiriças foram feitas pelo autor do artigo que mora na favela, por isso, diferentemente do mapa oficial (IDEBHGEO, 2019), foi incluída a Vila Viva Santa Lúcia, o Parque Jornalista Eduardo Couri, o Posto de Saúde Santa Lúcia e a Escola Estadual Dona Augusta Gonçalves Nogueira.

O campo evidenciou o crescimento de evangélicas(os) na favela Morro do Papagaio, especialmente de matriz pentecostal, devido um processo de expansão no número de igrejas. Foi identificado um total de 36 igrejas, sendo 20 (55,56%) novas denominações que surgiram na favela – as quais são objetos de estudo neste artigo e identificadas como independentes, conforme apontou um dos entrevistados – e 16 (44,44%) denominações que não surgiram – dentre elas, 13 (81,25%) de matriz pentecostal⁷ e três (18,75%) não de matriz pentecostal⁸.

Em relação as 20 igrejas independentes, até a presente data, foram realizadas entrevistas estruturadas com nove (45%) fundadoras(es) e líderes, das(os) quais, diferentemente do estudo de Senra e Leite (2019, p. 719), foi identificada três (33,33%) mulheres como fundadoras e líderes. Contudo, ressalta-se que, apesar das mulheres serem maioria no meio evangélico, esse fenômeno é recente e ainda há igrejas que não aceitam, conforme aponta Chantal (2019). Os trechos das entrevistas de alguns homens corroboram com tal apontamento:

“Os homens não estão assumindo, e as mulheres assumindo. [...] Então, eu particular, eu discordo. Mas devido a situação que eu vejo, eu, totalmente tem meu apoio.” (Entrevistado 3).

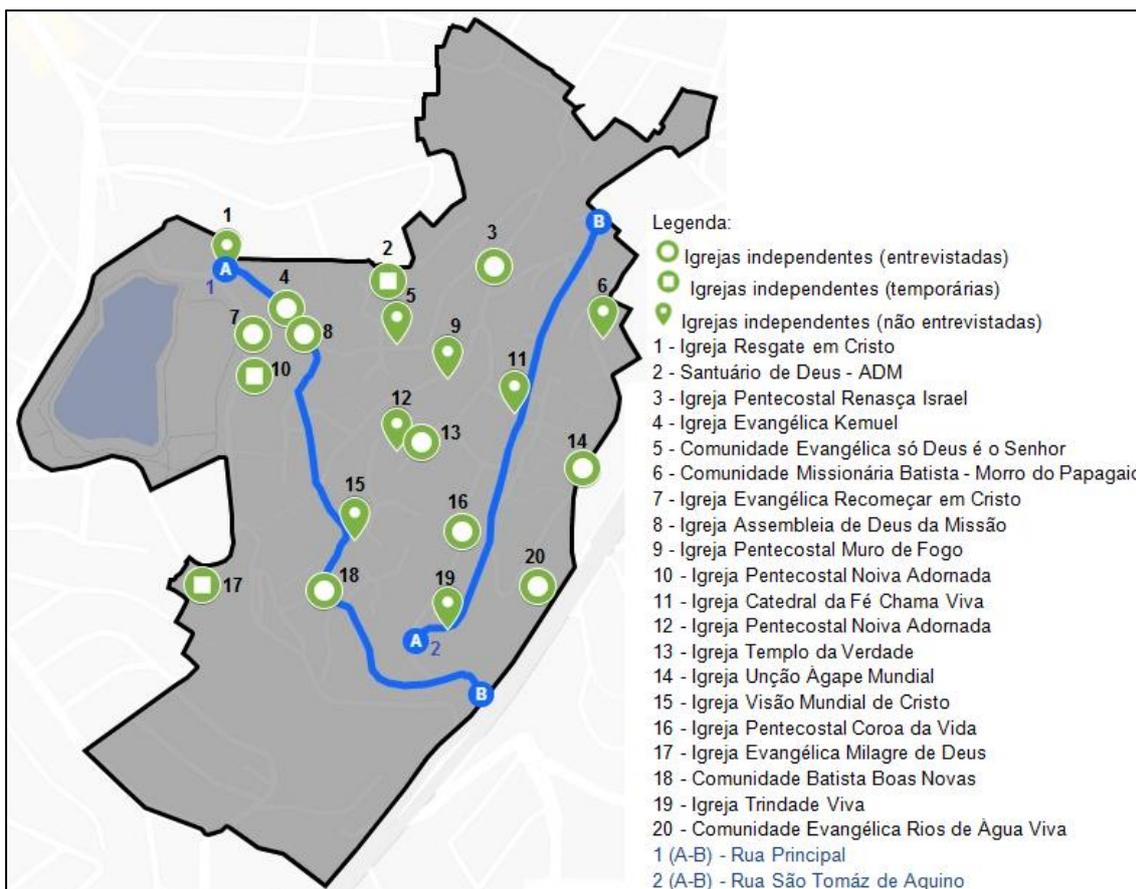
“A mulher estando do lado do seu marido a gente considera como pastora. Mas, ela ser pastora e o marido não, eu já não concordo. [...] A minha esposa, acaba que todo mundo chama de pastora, né. Porque está do meu lado, tem sua oportunidade. Mas oficialmente ela não é pastora. [...]” (Entrevistado 4).

“E a igreja é composto do que? 70% do público mulher. [...] A mulher é mais emotiva do que o homem. O homem é razão. [...] Apesar que eu não sou muito a favor não. Estou sendo sincero.” (Entrevistado 6).

Figura 2 – Localização das igrejas evangélicas independentes no Morro do Papagaio

⁷ Igreja Adventista do Sétimo Dia, Igreja Batista Central de BH e Igreja Batista União. Entretanto, destaca-se a possibilidade de análise do processo de pentecostalização nessas igrejas batistas.

⁸ A igreja Casa de Oração da Congregação Cristã (CCB) no Brasil não se reconhece como pentecostal, mas estudos apontam para o enquadramento nesta categoria (COSTA, 2016, p. 83 e 84). Mais informações sobre a CCB: Foerster (2006), Monteiro (2010), Costa, 2016.



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

A maioria das pesquisas indicam que as(os) líderes das igrejas pentecostais não possuem formação acadêmica (SENRA; LEITE, 2019; OLIVEIRA, 2019). Mas, dentre as(os) nove líderes entrevistadas(os), foi verificado um número significativo com formação superior, sendo quatro, inclusive um com doutorado⁹, e as(os) demais indo desde ensino fundamental incompleto a ensino médio completo. Todas(os) as(os) líderes disseram que a igreja adota a teologia pentecostal e são contrários a teologia da prosperidade, sendo que alguns já se consideram “pentecostal moderado” devido o contato com a “teologia reformada/calvinista”. Na história de surgimento das igrejas identificou-se o trânsito entre igrejas por parte das (os) líderes e que igrejas foram fundadas após os anos 2000.

A localização de todas as igrejas evangélicas na favela apontam para uma aglomeração nas vilas Barragem Santa Lúcia e Santa Rita de Cássia, especialmente, com destaque para as ruas Principal com nove igrejas, e São

⁹ Os quatro cursaram Teologia, mas apenas dois em faculdades reconhecidas pelo Ministério da Educação (MEC). Um deles também cursou Letras, curso Ciências Contábeis e é doutor em Teologia, mas a faculdade não é reconhecida MEC.

Tomáz de Aquino com sete igrejas (FIG. 1). Entretanto, se considerar as igrejas independentes há a aglomeração também nas duas vilas citadas e apenas na rua Principal com cinco igrejas (FIG. 2). Percebe-se que nas duas ruas citadas possui uma concentração de várias atividades comerciais, realiza a ligação com avenidas importantes, e o tráfego de ônibus, automóveis e pessoas.

Há elementos que favoreceram a aglomeração de igrejas nas duas vilas, como: a) as obras do Programa Vila Viva e de contenção da encosta da BR-356, visto que haviam algumas igrejas nas vilas Esperança, Vila São Bento e Greenville; b) a Vila Estrela é a única que historicamente não houve a aglomeração de igrejas, tanto que atualmente tem duas; c) igrejas instaladas em espaços alocados com uma estrutura propositalmente construída para serem estabelecimentos comerciais ou religiosos; d) possibilidade de construir templos fixos, planejados e algum grau de padronização; e) maior quantidade de ruas com acessibilidade e visibilidade.

Considerações Finais

O presente estudo verificou, pelos resultados obtidos, elementos que apontaram para a concentração das igrejas evangélicas localizadas na favela Morro do Papagaio nas vilas Barragem Santa Lúcia e Santa Rita de Cássia e nas ruas centrais/acessíveis. Revelou o crescimento das igrejas independentes após os anos 2000, a influência da teologia reformada (conservadora) entre os líderes repercutindo em falas de viés androcêntricas e patriarcais, e por fim, a existência de práticas de adaptação, improviso e provisoriedade que se reflete nos templos.

REFERÊNCIAS

BARTZ, Alessandro. Mobilidade religiosa no Brasil: conversão ou trânsito religioso? In: REBLIN, Iuri Andréas; SINNER, Rudolf Von. **Religião e sociedade**: desafios contemporâneos. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

CHANTAL, Graziela Rodrigues da Silva. Eis que vos digo: essas são as novas líderes eclesiais, mulheres pastoras que fundam as suas igrejas por meio do chamado de Deus. **PISTA: Periódico Interdisciplinar**, v. 1 n. 2, p. 61-72, ago./nov. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pista/article/view/21717>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

CLARK, David. **Introdução à Geografia Urbana**. São Paulo: DIFEL, 1985.

COSTA, Luiz. **Assim era minha favela: ... no tempo das seis sirenes**. Belo Horizonte: Gráfica O lutador, 2018.

COSTA, Micaele Oliveira Eugêni. Entre madeixas, véus e saias: paradigmas do feminino na Congregação Cristã no Brasil. **Estudos de Religião**, v. 22, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15603/2176-0985/mandragora.v22n1p81-106>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

CRUZ, Márcia Maria da. **Morro do Papagaio**. Belo Horizonte: Conceito, 2009. (Coleção: BH – A Cidade de Cada Um. v. 17).

DE ALENCAR, Gedeon Freire. Pentecostalismos & Ecumenismos: Deus e o Diabo se (des)entendendo na terra do Sol. **Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião**, v. 12, n. 2, p. 220-239, dez. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18224/cam.v12i2.3624>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

FOERSTER, Norbert Hans Christoph. Poder e Política na Congregação Cristã no Brasil: Um Pentecostalismo na Contramão. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, v. 8, n. 8, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.22456/1982-2650.2296>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

GOMES, Juvenal Lima. **Condições de vida do passado, conquistas do presente**: a luta das associações comunitárias do Aglomerado Santa Lúcia por cidadania. 2011. 94 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra/Portugal, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316/15729>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

Infraestrutura de Dados Espaciais da Prefeitura de Belo Horizonte – IDEBHGEO. **BHMap**. Disponível em: <<https://bhgeo.pbh.gov.br/home>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Censo Demográfico**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

MATTOS, Thiago Schellin de. **Pentecostalismo e periferia**: uma etnografia sobre religião e criação simbólica em espaços periféricos de Pelotas/RS. 2017. 188 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Pós-Graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3796>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

MONTEIRO, Yara Nogueira. Congregação Cristã no Brasil: da fundação ao centenário, a trajetória de uma igreja brasileira. **Estudos de Religião**, v. 24, n. 39, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v24n39p122-163>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

OLIVEIRA, Geraldo Jose de. Religião Neopentecostal: o desafio da convivência na diferença. **interações**, v. 14, n. 25, 2019. Disponível em:

<<https://doi.org/10.5752/P.1983-2478.2019v14n25p117-144>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

PANOTTO, Nicolás. **Descolonizar o saber teológico no América Latina: religião, educação e teologia em chaves pós-coloniais**. São Paulo: Recriar, 2019.

PEREIRA, Josemeire Alves. **O tombamento do “Casarão da Barragem” e as representações da favela em Belo Horizonte**. 2012. 224 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279433>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

Prefeitura de Belo Horizonte – PBH. **Reestruturação urbanística começa pelo planejamento integrado**. Disponível em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/urbel/pge-planejamento>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

SENRA, Flávio; LEITE, Bruna Thamires da Silva. Senso religioso em transformação nas periferias das grandes cidades. **Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião**, v. 17, p. 709-726, set. 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18224/cam.v17i2.7198>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

STARLING, Paula Miller. **O risco geológico como justificativa para remoções forçadas no Aglomerado Santa Lúcia e na Vila Bandeirantes em Belo Horizonte**. 2015. 132 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-A3XH2N>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

INTERDISCIPLINARIDADE EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO: POSSIBILIDADE PARA O ESTUDO DA SOCIABILIDADE DAS TRIBOS URBANAS *HEADBANGERS* EM BELO HORIZONTE

Flávio Lages Rodrigues ¹

RESUMO

A presente comunicação apresentará como a disciplina das Ciências da Religião, pode possibilitar o estudo do fenômeno religioso pelo viés da interdisciplinaridade com várias áreas do conhecimento e em nossa pesquisa com a sociologia. Isso possibilita uma riqueza para a área, ao passo que abre para o estudo da religião, na ótica de outras disciplinas. O que pode mostrar a análise do fenômeno religioso, por vários espectros e também as contribuições de outras áreas para os estudos em Ciências da Religião. O objetivo principal dessa comunicação é mostrar que a interdisciplinaridade, pode ajudar a entender o fenômeno religioso, pela particularidade de cada disciplina, que compõe as Ciências da Religião, como ocorre com a sociologia. A metodologia proposta para esse trabalho é constituída por análise da referência bibliográfica, e tem como teórico principal o sociólogo francês Michel Maffesoli em diálogo com outros autores. Nossa hipótese ocorre com os roqueiros sem religião, que talvez desenvolvam um tipo de espiritualidade não religiosa, na socialização com as tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte.

Palavras-chave: Ciências da Religião. Sociologia. Sem Religião. Espiritualidade não religiosa. Tribos urbanas *headbangers*.

INTRODUÇÃO

A presente comunicação aponta para o estudo da religião pela possibilidade da ótica de outras disciplinas, que contribuem para as Ciências da Religião, como é o caso em nossa pesquisa com a sociologia. Observamos que a religião faz parte da construção cultural do ser humano, tanto de sociedades modernas, tecnológicas e de conhecimento, quanto de povos distantes tidos como primitivos, formados por tribos, clãs e etnias. A socialização nas tribos urbanas *headbangers*, também mostra essa construção cultural, que ocorre nas grandes cidades do Brasil e do mundo.

¹ Doutorando e Mestre em Ciências da Religião pela PUC Minas PPGCR, bolsista pela CAPES e membro do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura/CNPq desde 2015. Graduado em Bacharel em Teologia e especialista em Teologia Sistemática pela Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte - FATE-BH. E-mail: flavioposttrevor@yahoo.com.br

Esta pesquisa² começa a se desenvolver pelo caminho da interdisciplinaridade com a sociologia, com a hipótese da comunidade dos roqueiros sem religião³, que possivelmente desenvolvam um tipo de espiritualidade não religiosa⁴ na socialização nas tribos urbanas *headbangers*. Utilizaremos como teórico metodológico principal para a análise da referência bibliográfica o sociólogo francês Michel Maffesoli. Também mostraremos o pensamento do filósofo e epistemólogo catalão Marià Corbí, em contato com outros autores, para entender como a religião se apresenta nas sociedades modernas, tecnológicas e de conhecimento.

1.1 Tribalizações como potência para a socialização nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte

Observamos que a interdisciplinaridade no estudo da religião, ocorreu no início da disciplina de Ciências da Religião, com a possibilidade de abertura para outras disciplinas, que não fosse apenas pela via teológica. O que fomentou também os estudos de outras religiões, que não fossem apenas as religiões monoteístas como o judaísmo, islamismo e cristianismo. Essa abertura possibilitou ao cientista da religião, estudar o ser humano e suas experiências no fenômeno religioso nas mais variadas áreas. Isso pode ser visto com Friedrich Max Müller, como fundador das Ciências da Religião, que se preocupou para que a disciplina fosse aberta para o estudo das religiões mais antigas.

² Esta comunicação sobre a “Interdisciplinaridade em Ciências da Religião: possibilidade para o estudo da sociabilidade das tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte”, está ligada à pesquisa de doutorado em Ciências da Religião do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião pela PUC Minas, com o tema: O ROCK COMO ESPIRITUALIDADE NÃO RELIGIOSA. Estudos sobre rituais, sociabilidade e cosmovisão de roqueiros sem religião em Belo Horizonte. Orientado pelo professor Dr Flávio Senra Ribeiro.

³ O Censo 2010 do IBGE registrou um declínio do número de católicos e aumento dos evangélicos, espíritas e sem religião. Ainda sobre os sem religião no Censo 2010, foi registrado um aumento entre a população que se declarou sem religião. Em 2000 eram quase 12,5 milhões (7,3%), ultrapassando os 15 milhões em 2010 (8,0%).

⁴ Em pesquisas realizadas e outras em andamento com os Sem Religião, no Grupo de Pesquisa Religião e Cultura, na linha de pesquisa Religião e Contemporaneidade (RCO), do PPGCR da PUC Minas, conceituamos a experiência de indivíduos que se intitulam na categoria de espiritualidade não religiosa. Ao nosso ver, esta categoria se dá com o grupo de indivíduos, que afirmam ter um certo tipo de espiritualidade, mas sem vínculo com alguma instituição religiosa.

Essa forma de pensar, mostra que os estudos no campo religioso, devem partir pelo respeito, não apenas para com o próximo, mas principalmente contra a tentação de uma postura etnocêntrica, tanto na cultura, quanto na religião a ser pesquisada. Max Müller, mostra que essa preocupação, deve ser observada pelo cientista da religião, que ao pesquisar “quer descobrir o que é religião, que fundamento ela tem na alma do homem, e que leis que seguem em seu crescimento histórico.” (MÜLLER, 1870, p. 07, tradução nossa).

Dessa forma, a religião segundo Max Müller se apresenta como construção humana e não há nenhuma religião que possa se apresentar ou significar de maneira especial em detrimento de outra para o cientista da religião.

Se dizemos que é pela religião que distinguimos o homem do animal, não significa a religião judaica ou cristã; não significamos nenhuma religião especial; mas significamos uma faculdade mental ou disposição pela qual independente de, não em apenas do senso e razão, o homem habilitado para apreender o infinito abaixo de diferentes nomes, e abaixo de variados disfarces. Sem essa faculdade, não religiosa, nem mesmo a mais baixa adoração de ídolos e fetiches, deveria ser possível; e se ouvirmos mais atentamente; nós podemos ouvir em todas as religiões um gemido do espírito, uma luta para conceber o inconcebível, para proferir o indescritível um desejo depois do Infinito, um Deus de amor. (MULLER, 1870, p. 13-14, tradução nossa).

Nesse mesmo pensamento proposto por Max Müller nas Ciências da Religião, para entender outras religiões, através de uma interpretação não religiosa é que suspeitamos, que haja entre os sem religião, um tipo de espiritualidade não religiosa em torno da música *rock* nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte. Isso possivelmente pode ocorrer, como mostrado por Maffesoli, com a sociabilidade que é gerada com as tribos urbanas, no sentimento de estar juntos, de pertencimento, de partilha das mesmas emoções e gostos.

Como fator primordial para a socialização a linguagem é o primeiro bem cultural de um povo. É a partir dela que significações são construídas e entendidas pelo grupo. Para Maffesoli (2010), a linguagem tem o poder de ligar os indivíduos às mais variadas redes sociais. “Sem nos pronunciarmos sobre o conteúdo dessa tendência, podemos considerar que a comunicação, ao

mesmo tempo, verbal e não verbal, constitui uma vasta rede que liga os indivíduos entre si.” (MAFFESOLI, 2010, p. 139). Aqui, podemos ver que a linguagem ou mesmo a comunicação nas suas mais variadas formas, expressam a experiência cultural do grupo, reforçam os limites da comunidade e ajudam em sua construção ética.

A cultura, para Maffesoli (2010, p. 01), é um conceito dual. Para o sociólogo existem duas culturas, uma dentro da outra. Ele apontou para os “proprietários da sociedade” sendo os que têm o poder de dizer o que fazer e são o “poder instituído”, nas diversas formas, ou seja, política, cultural, religiosa, social e econômica. O “poder instituído” na sua visão é o que toma as decisões longe da vida cotidiana e, assim, da realidade da maioria da população. Por outro lado, ele mostra a vida selvagem, anômica e desordenada, como uma “potência instituinte”. Esta última proporciona o tribalismo, pela sua fragmentação em redes de socialização e pelo inconformismo ao que é ditado pelo “poder instituído” como padrão cultural para a grande massa de pessoas.

O tribalismo pode gerar as mais variadas formas de socialização entre os adeptos das tribos urbanas espalhadas pelas cidades, que se aglutinam nos compartilhamentos dos mesmos gostos, prazeres e sensações. Essas manifestações sociais são geradas nas mais variadas tribos urbanas e como rituais, necessitam da repetição como parte ritual para fundamentar-se na cultura. Lembramos que Maffesoli utiliza o termo tribo de forma pioneira. “Em uma época em que isso não era moda, propus a metáfora da ‘tribo’ para observar a metamorfose do vínculo social.” (MAFFESOLI, 2010, p. 04).

A dualidade do tribalismo e da cultura, sinalizadas por Maffesoli, talvez possam ser observadas entre os roqueiros sem religião na prática de um tipo de espiritualidade não religiosa nas tribos urbanas *headbangers*, em que essa espiritualidade não religiosa, possivelmente ocorra na socialização em torno do *rock* com suas mais variadas produções, e também provavelmente, ocorra na resistência da tribo urbana às imposições dos padrões culturais e das instituições religiosas. O tribalismo⁵ proporcionou a quebra da rigidez nos laços

⁵ Para Maffesoli (2010, p. 03), o tribalismo pós-moderno se amplia e recria novos modos de vida cada vez mais vivos e orgânicos. “O cotidiano e seus rituais, as emoções e paixões coletivas, simbolizadas pelo hedonismo de Dionísio, a importância do corpo em espetáculo e

sociais e ainda possibilitou novas redes de relacionamentos, em que o grupo social tornou-se cada vez mais dinâmico e orgânico. “O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda a vida social.” (MAFFESOLI, 2010, p. 11).

Portanto, o que percebemos é que as Ciências da Religião, desde o seu nascimento possibilitou o estudo de outras religiões e também abertura para interdisciplinaridade, como ocorre com nossa pesquisa pelo viés da sociologia. Observamos que o dualismo no tribalismo e na cultura, talvez possam ser observados também na religião, com a espiritualidade não religiosa, no qual as pessoas possam fazer seu próprio percurso religioso, com as práticas religiosas que atendam às suas necessidades, sem a imposição ou mediação de líderes ou mesmo de suas respectivas instituições e círculos religiosos.

1.2 Espiritualidade não religiosa nas sociedades modernas, tecnológicas e de conhecimento

Nossa hipótese de uma espiritualidade não religiosa, parte da intuição dos estudos de Marià Corbí, sobre a espiritualidade nas modernas sociedades de conhecimento, com o “esvaziamento” da religião nessas sociedades. Outro fator que norteou nossa hipótese, quanto à espiritualidade não religiosa, foram as pesquisas realizadas por Heinz Streib e Constantin Klein sobre Religião e Espiritualidade⁶.

Corbí (1996, p. 06), mostra que o fundamento antropológico pode trazer luz para todos os modos de vida, no qual a cultura é estabelecida pelos padrões do próprio grupo. “A cultura é quem determina a forma concreta de vivente do ser humano” (CORBÍ, 1996, p. 06, tradução nossa). A fala ou a

do gozo contemplativo, a revivescência do nomadismo contemporâneo, eis aqui o que acompanha o tribalismo pós-moderno.”

⁶ Os autores STREIB; KLEIN (2016, p. 76), pesquisaram sobre espiritualidade, nos Estados Unidos e na Alemanha e chegaram a 44 categorias com questionários aplicados a 1779 entrevistados, com o refinamento, as categorias passaram de 44 para apenas 10 categorias, que definem o que é espiritualidade para os participantes da pesquisa.

comunicação para Corbí (1996, p. 08-09) é elemento de acesso à realidade cultural em sua construção e funcionamento. Nesse percurso Corbí (1996, p. 09), apresenta as culturas pré-industriais com a caça, coleta, horticultura, agricultura de irrigação e pastoreio, no qual as mitologias e as narrações apontam em última análise para dependência ou submissão a divindade para sobrevivência do grupo.

Na visão de Corbí (1996, p. 18), o salto ocorreu com a cultura de sociedades sem ocupação laboral dominante, na polis grega com o trabalho dos artesãos. “A organização social da polis não se baseava em fatores laborais, se apoiava em associações de tipo parental (clãs, fraternidade, tribos). Esta organização em famílias e famílias de famílias, assegurava a coerção sem apoio em estruturas laborais ou autoritárias.” (CORBÍ, 1996, p. 18, tradução nossa). Com a necessidade de coordenar os interesses de vários grupos dentro da polis era necessário ouvir a opinião e a representação de todos.

Outro salto para Corbí (1996, p. 29), acontece com a primeira industrialização com a mudança dos artesãos pelos engenheiros, que constroem máquinas para produzir em maior escala e assim os artesãos são substituídos pelas máquinas gradativamente. Finalmente, na visão de Corbí (1996, p. 35), nas sociedades dinâmicas ou de inovação, na qual vivemos. “Os indivíduos não receberão as certezas, as convicções daqueles que vivem, nem de Deus, nem da natureza das coisas, nem das ciências; os indivíduos terão que viver de certezas, convicções e as motivações que, de uma maneira ou de outra, se construa.” (CORBÍ, 1996, p. 35, tradução nossa).

Como dissemos anteriormente, utilizaremos as categorias da pesquisa de Streib e Klein. Essas categorias nos permitirão entender algumas aproximações com o pensamento dos sem religião no tocante a espiritualidade. Dentre as 10 categorias levantadas nessa pesquisa, utilizaremos a 1, 3, 4, 8, 9 e 10. Como destacamos abaixo:

1-Conexão e harmonia com o universo, natureza, e o todo. 3-Procure pelo seu eu (superior), significado, paz interior, e iluminação. 4-Ética: segurança e ação diária de acordo com os valores e moralidades em relação à humanidade. 8- Consciência de um mundo invisível e não material e experiências de energias e seres sobrenaturais (espíritos, etc.). 9-Oposição à religião, regras dogmáticas, e tradições. 10- Prática religiosa Individual, meditação, oração, adoração. (STREIB; KLEIN, 2016, p. 76-77, tradução nossa).

Nas 6 categorias que iremos utilizar na pesquisa, há uma mostra de uma espiritualidade que valoriza uma busca mais individualizada, mas que ao mesmo tempo faça sentido na união com outros seres humanos e com toda a natureza. Isso sem a mediação ou imposição de qualquer instituição religiosa.

Assim, o que observamos é que tanto Corbí, quanto Streib e Klein, sinalizam para as grandes mudanças que ocorrem nas sociedades modernas, no qual outras formas de conceber a religião acabam se desenhando, também com formas alternativas de espiritualidades. No “esvaziamento” da religião institucional outras práticas religiosas podem ocorrer, inclusive com a possibilidade da comunidade dos roqueiros sem religião, talvez desenvolverem um tipo de espiritualidade não religiosa, na socialização com as tribos urbanas *headbangers*.

Considerações finais

Percebemos que a interdisciplinaridade nas Ciências da Religião, possibilita a abertura do estudo da religião e de seus mais variados fenômenos, por outras disciplinas. Maffesoli, Corbí e outros autores, nos ajudam a pensar as mudanças nos vínculos sociais, bem como os reflexos dessas mudanças sociais, nos campos cultural e religioso das sociedades ocidentais na atualidade.

As tribos urbanas, a comunidade dos sem religião, como também a possibilidade de uma espiritualidade não religiosa, ainda que estejam em estágio inicial da nossa pesquisa de doutorado, aponta mais para uma abertura, que para um fechamento, de possibilidades e autonomia do indivíduo em sua forma eletiva, de percurso e pertencimento na atualidade. No qual, talvez ocorra um “esvaziamento” da religião, e outras formas de espiritualidade provavelmente estejam se desenhando, com a possibilidade cada vez mais crescente, para as pessoas fazerem seu próprio percurso religioso, sem a mediação de qualquer liderança ou instituição religiosa.

REFERÊNCIAS

- CORBÍ, Marià. **Religi3n sin religi3n**. Madrid: PPC, 1996. Dispon3vel em http://cetr.net/es/religion_sin_religion_2/ Acesso em 19 out. 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTAT3STICA. **Censo 2010: n3mero de cat3licos cai e aumenta o de evang3licos, esp3ritas e sem religi3o**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Dispon3vel em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>. Acesso em: 27 jul. 2019.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o decl3nio do individualismo nas sociedades de massa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universit3ria, 2010.
- MULLER, Max F.. **Introduction to the Science of Religion**. London: Oxford, 1870.
- RODRIGUES, Fl3vio Lages. O *rock* como possibilidade para uma espiritualidade n3o- religiosa. **Caminhos**, Goi3nia, v. 17, n. 1, p. 173-192, 2019. Dispon3vel em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/issue/view/315>>. Acesso em: 22 jul. 2019.
- STREIB, Heinz; KLEIN, Constantin. Religion and Spirituality. *In*: STAUSBERG, Michael; ENGLER, Steven (org.). **The Oxford Handbook of the Study of Religion**. New York/London: Oxford University Press, 2016. p. 73-83.